

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

BIBLIOTECA CIENTÍFICA BRASILEIRA
SÉRIE B — IV

A LINGUAGEM
INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DA FALA

POR
EDWARD SAPIR

TRADUZIDO POR
J. MATTOSO CAMARA JR.



RIO DE JANEIRO — 1954

Tôda língua, por conseguinte, é caracterizada tanto pelo seu sistema ideal de sons e pelo seu padrão fonético de subsolo (sistema, diríamos nós, de átomos simbólicos) quanto por uma definida estrutura gramatical. Ambas essas estruturas, a fonética e a conceptual, mostram o sentimento instintivo da forma que há na linguagem.

I V

A FORMA NA LINGUAGEM: OS PROCESSOS GRAMATICAIS

A questão da forma em linguagem apresenta-se sob dois aspectos.

Podemos considerar os métodos formais empregados por uma língua, os "seus processos gramaticais", ou verificar a distribuição dos conceitos em referência à expressão formal. Quais são os padrões formais dessa língua? E que tipos de conceitos lhes servem de conteúdo?

Os dois pontos de vista são plenamente distintos.

A palavra inglesa *unthinkingly* [correspondente, pelo sentido, a qualquer coisa em português como "sem pensar"] é, de maneira geral, cotejável, quanto à forma, à palavra *reformers* [port. "reformadores"]; ambas constam de um radical, que pode figurar como verbo independente (*think, form*); em ambas, êsse radical é precedido por um elemento (*un-, re-*), que traz significação definida e nitidamente concreta, mas não pode ser usado como termo independente; e ambas terminam por dois elementos (*-ing, -ly, -er, -s*), que limitam a aplicação do conceito do radical num sentido relacional.

Este padrão formal, — (b) + A + (c) + (d)¹ — é um traço característico da língua. Exprime-se por meio dêle um número incalculável de funções; em outros termos, tôdas as idéias que podem ser comunicadas por meio de elementos de prefixação e sufixação, se tendem por um lado a encaixar-se em grupos menores, não constituem por outro lado sistemas funcionais naturais. Não há nenhum motivo de ordem lógica, por exemplo, para que a função numeral do -s seja expressa

1. Quanto ao simbolismo, ver capítulo II.

pelo mesmo processo formal que a idéia contida em *-ly* [sufixo adverbial como o port. "mente"]. É perfeitamente concebível que, noutra língua, se trate o conceito modal (*-ly*) em moldes inteiramente diversos dos da pluralidade. O primeiro pode ser transmitido por um vocábulo independente (digamos, *thus unthinking*); o último por um prefixo (digamos, "plural"² -*reformer*). E há naturalmente um número ilimitado de possibilidades outras.

Sem sair do próprio âmbito da língua inglesa, é fácil tornar óbvia essa relativa independência entre a forma e a função. É assim que a idéia negativa contida em *un-* pode ser expressa com a mesma justiça por um elemento sufixado (*-less*) numa palavra como *thoughtlessly* [port. "desatentamente"]. Tal dualidade de expressão formal para a função negativa seria inconcebível em certas línguas, o esquimo por exemplo, onde só seria admissível um elemento de sufixação.

Por outro lado, a noção de plural dada pelo *-s* de *reformers* é expressa com a mesma precisão pela palavra *geese* [plural de *goose*, "ganso"], com o emprêgo de método completamente distinto. Não é tudo. O princípio da mutação vocálica (*goose — geese*) não está em absoluto restrito à expressão da idéia da pluralidade; pode também funcionar como índice da diferença de tempo (e. g. *sing — sang, throw — threw*)³. Por seu lado, a expressão do tempo pretérito em inglês não depende exclusivamente de uma mudança de vogal. Na maioria dos casos, manifesta-se por meio de um sufixo distinto (*die-d, work-ed*) [pret. de *to die*, "morrer", *to work*, "trabalhar"].

Quanto à função, *died* e *sang* são análogos; da mesma sorte que *reformers* e *geese*. Quanto à forma, temos de agrupar êses vocábulos de maneira diversa. Tanto *die-d* quanto *reform-er-s* empregam o método da sufixação dos elementos gramaticais; tanto *sang* quanto *geese* derivam o seu valor gramatical da circunstância de diferirem as suas vogais

2. *Plural* é aqui um símbolo para qualquer prefixo que indique a pluralidade.

3. [No caso de *goose-geese*, como de outros plurais (*tooth-teeth, man-men, mouse-mice*, etc.) a mudança da vogal no plural foi devida à ação assimilatória de um *i* final, mais tarde desaparecido. É o fenômeno em alemão *umlaut*, ou seja, "metafonia". Em *sing-sang, throw-threw*, etc. as diferenças de vogal provêm das primitivas formas indo-europeias, constituindo o chamado *ablaut*, i. e., "gradação vocálica" ou "apofonia" em que uma dada raiz tem ora a vogal *o* ora *e*, ora uma vogal reduzida.]

das de outros vocábulos que lhes estão inteiramente relacionados na forma e no sentido (*goose; sing, sung*).

Cada língua dispõe de um ou mais métodos formais para indicar a relação de um conceito secundário com o conceito básico do radical. Alguns desses processos gramaticais, como a sufixação, acham-se muito espalhados; outros, como a mutação vocálica, são menos comuns, mas estão longe de ser raros; outros ainda, como a acentuação e a mutação consonantal, constituem até certo ponto anomalias.

Nem todas as línguas são tão irregulares quanto a inglesa na maneira de atribuir funções aos processos gramaticais de que dispõem. Em regra, os conceitos de natureza mais fundamental, como o de pluralidade e o de tempo, são exclusivamente apresentados por um método único qualquer; mas é regra com tantas exceções que não podemos promovê-la a um princípio. Para onde quer que nos voltemos, ressalta a verdade de que o padrão formal é uma coisa, e é outra coisa a sua utilização. Mais alguns exemplos da expressão múltipla de funções idênticas, em outras línguas além do inglês, concorrerão para tornar ainda mais vívida essa concepção da liberdade relativa que há entre função e forma.

Em hebraico, como em outras línguas semíticas, a idéia verbal, considerada em si mesma, é expressa por três, ou menos a miúdo por duas ou quatro consoantes características. Assim o grupo *x-m-r* dá a idéia de "guardar", o grupo *g-n-b* a de "furtar", *n-t-n* a de "dar". Naturalmente que tais seqüências consonânticas são apenas abstraídas das formas realmente existentes. As consoantes ligam-se entre si de diversas maneiras, por meio de vogais características que variam segundo a idéia que lhes cabe exprimir. São também muito usados prefixos e sufixos. O método da mutação vocálica interna está exemplificado em *xamar*, "guardou", *xomer* "guardando", *xamur*, "sendo guardado", *xmor*, "guardar". Análogamente *ganab*, "furtou", *goneb*, "furtando", *ganub*, "sendo furtado", *gnob* "furtar". Mas nem todos os infinitivos se formam pelo tipo de *xmor* e *gnob*, ou por outros tipos de mutação vocálica interna. Certos verbos sufixam um elemento *t* para o infinitivo, e. g., *ten-eth* "dar", *heyo-th*, "ser". Por outro lado, as idéias pronominais podem ser expressas por vocábulos independentes (e. g., *anoki*, "eu"), por prefixos (e. g. *e-xmor*, "eu guardarei"), por sufixos (e. g. *xamar-ti*, "eu guardei").

Em nass, língua índia da Colúmbia Britânica, formam-se os plurais por quatro métodos distintos. A maior parte dos nomes (e dos ver-

bos) são reduplicados no plural, isto é, uma parte do radical se repete, e. g. *gyat*, "pessoa", *gyigyat*, "gente". Já um segundo método está no uso de certos prefixos característicos, e. g., *an'on*, "mão", *ka-an'on*, "mãos"; *wai* "um remo", *lu-wai*, "vários remos". Outros plurais, ainda, se formam por meio de uma mutação interna de vogal, e. g., *gwula* "manto", *gwila*, "mantos". Enfim, uma quarta classe de plurais é constituída por nomes que sufixam um elemento gramatical, e. g., *waky*, "irmão", *wakytw*, "irmãos".

De grupos de exemplos como êsses — e podemos multiplicá-los *ad nauseam* — só nos resta concluir que a forma lingüística pode e deve ser estudada em seus muitos aspectos, independentemente das funções respectivas.

É tanto mais justificável assim procedermos quanto tôdas as línguas manifestam um curioso instinto para desenvolver um ou mais processos gramaticais especiais à custa de outros, tendendo a perder de vista o valor funcional explícito que o processo possa ter tido a princípio, como que comprazendo-se no mero jôgo dos seus meios de expressão.

Não importa que num caso como o do inglês *goose* — *geese*, *fowl* — *defile* ["sujo" — "sujar"], *sing* — *sang* — *sung* possamos provar que se trata de processos historicamente distintos; que a alternância vocálica de *sing* e *sang* tenha precedido de séculos, como tipo específico de processo gramatical, o processo aparentemente paralelo de *goose* e *geese*. Não é menos verdade que há (ou houve) em inglês, na época em que se constituíram *geese* e formas análogas, uma tendência inerente a utilizar a mudança de vogal como método lingüístico significativo. Sem o grupo de tipos já existentes de alternância vocálica como *sing* — *sang* — *sung*, é muito duvidoso que as condições especiais que acarretaram a evolução das formas *geese*, *teeth*, [plural de *tooth*, "dente"] saídas de *goose*, *tooth*, tivessem tido a força de induzir o sentimento lingüístico nativo a chegar a admitir como psicologicamente aceitáveis êsses novos tipos de formação do plural⁴.

Este sentimento de forma considerada em si mesma, expandindo-se livremente segundo linhas determinadas, e grandemente inibido em certas direções por falta de moldes pré-estabelecidos, deveria ser mais claramen-

4. [Ver a nota 3, pág. 66.]

te compreendido do que parece ser. Só um exame geral de diversíssimas espécies de línguas nos dá a perspectiva adequada a tal respeito.

Vimos no capítulo anterior que tôda língua tem um sistema fonético íntimo de padrão definido. Vemos agora que também tem o sentimento definido de constituir padrões para a formação gramatical. Ambos êsses impulsos, subterrâneos e de grande força diretriz, em prol das formas definidas, operam pelo prazer de operar, sem a preocupação inicial de preencher uma lacuna na expressão de certos conceitos ou de dar forma externa consistente a certos grupos de conceitos. Inútil é dizer que tais impulsos só encontram realização na expressão de funções concretas. É preciso haver a intenção de dizer alguma coisa para dizê-la sob uma dada forma.

Seja-nos lícito agora examinar um pouco mais sistematicamente, conquanto sempre resumidamente, os vários processos gramaticais que a pesquisa lingüística conseguiu depreender.

Agrupam-se em seis tipos principais: ordem vocabular; composição; afixação, que abrange o uso de prefixos, sufixos e infixos; modificação interna do elemento radical ou gramatical em referências quer a uma vogal, quer a uma consoante; reduplicação; e diferenças de acentuação, sejam elas dinâmicas (intensidade), sejam tônicas (altura, também chamada "tom" e entoação). Há ainda processos quantitativos especiais quais o alongamento ou a abreviação de vogais e a gemação de consoantes mas que podem ser consideradas como subtipos especiais do processo de modificação interna. É possível que ainda restem outros tipos formais, mas não terão provavelmente maior importância num exame perfunctório.

Importa não esquecer que um fenômeno lingüístico não pode ser tido como ilustração de um "processo" definido, senão quando lhe é inerente um determinado valor funcional. A mudança consonântica em inglês, por exemplo, de *book-s* e *bag-s* [*s* no primeiro caso, *z* no segundo] não tem significação. É uma mudança puramente externa e mecânica provocada pela presença de uma consoante anterior contígua, que é surda no primeiro caso e sonora no segundo⁵. É objetivamente a mesma alternância mecânica que se verifica entre o nome *house* ["casa"] e o verbo *to house*.

5. [Fenômeno análogo verifica-se em português com o -s do plural em contacto com uma consoante seguinte surda ou sonora: "os cães" ("os" com final surda), "os bois" ("os" com final sonora.)

Já aqui, entretanto, corresponde a uma função gramatical importante, qual a de indicar a passagem de um nome a verbo. As duas alternâncias pertencem, portanto, a categorias psicológicas inteiramente diversas. Só a última citada é uma verdadeira ilustração de modificação consonântica como processo gramatical.

O método mais simples, pelo menos mais econômico, de indicar qualquer espécie de noção gramatical é justapor dois ou mais vocábulos numa ordem definida, sem procurar, por uma modificação inerente, estabelecer a conexão entre êles. Alinhemos ao acaso dois vocábulos simples ingleses, *sing praise*, digamos. Isto, em inglês, não acarreta um pensamento conclusivo, nem estabelece nitidamente uma relação entre a idéia de "cantar" e a de "louvar". Apesar de tudo, porém, é-nos psicologicamente impossível ouvir ou ver as duas palavras justapostas sem um esforço para lhes dar certa dose de significação coerente. A tentativa não terá por certo bom êxito pleno; mas o que importa assinalar é que tão depressa se apresentem ao espírito humano dois ou mais conceitos radicais em imediata seqüência, tentará êle conjugá-los sob um valor qualquer. No caso de *sing praise*, cada um de nós chegará provavelmente a um resultado provisório distinto. Eis algumas das possibilidades latentes da justaposição, interpretadas em forma corrente mais satisfatória: *sing praise (to him)*! ["cante em seu louvor!"] *singing praise* ["cantando o louvor"], *praise expressed in a song* ["louvor expresso em canto"]; *to sing and praise* ["cantar e louvar"]; *one who sings a song of praise* ["pessoa que canta um canto de louvor"], (à maneira de compostos ingleses como *killjoy*, i. e., "pessoa que mata a alegria"); *he sings a song of praise (to him)* ["êle canta um canto de louvor (em honra de alguém)"]. São, pois, indefinidamente numerosas as possibilidades teóricas de amoldar êsses dois conceitos num grupo significativo de conceitos, ou até num pensamento conclusivo. Nenhuma delas se realizará por certo em inglês, mas há muitas línguas em que é coisa habitual o jôgo de um dêsses processos de amplificação. Só depende, portanto, do gênio da língua a função que pode estar inerentemente pressuposta numa dada seqüência de vocábulos.

Algumas línguas, como o latim, exprimem praticamente tôdas as relações por meio de modificações no corpo da própria palavra. Nelas, a ordem das palavras presta-se a ser antes um princípio retórico do que estritamente gramatical.

Diga eu em latim *hominem femina videt*, ou *femina hominem videt*, ou *hominem videt femina*, ou ainda *videt femina hominem*, o alcance da frase não apresentará maior ou nenhuma diferença, salvo talvez no que respeita ao efeito retórico ou estilístico. "A mulher vê o homem" será a significação invariável de cada uma dessas sentenças.

Em chinuk, língua dos índios do Rio Colúmbia, há igual liberdade, pois a relação entre o verbo e os dois nomes acha-se inerentemente fixada nos vocábulos, como em latim. A diferença entre as duas línguas está em que o latim faz com que os próprios nomes estabeleçam as suas relações de um para outro e de cada um para o verbo, ao passo que o chinuk sobrecarrega o verbo com tôda a responsabilidade formal, dando-lhe um conteúdo que podemos mais ou menos indicar por "ela-êle-vê".

Eliminai os sufixos casuais latinos (-a e -em) e os prefixos pronominais do chinuk ("ela-êle"), e já cessa a indiferença na ordem dos vocábulos; teremos de cultivar os recursos de que dispomos. Em outros termos, a ordem das palavras passará a ter um valor funcional real.

O latim e o chinuk estão num pólo. Em pólo oposto, estão línguas como o chinês, o siamês, o anamita, em que tôda e qualquer palavra, para funcionar adequadamente, tem de encaixar-se num lugar predefinido. A maioria das línguas ficam entre êsses dois pólos. Entre nós, por exemplo, não haverá diferença gramatical apreciável, se eu disser — "ontem o homem viu o cão", ou — "o homem viu o cão ontem", mas já não me será indiferente dizer — "ontem o homem viu o cão", ou — "ontem o cão viu o homem", ou ainda — "êle está aqui", ou — "está êle aqui?" Num dos casos do último grupo de exemplos, a distinção vital entre sujeito e objeto depende unicamente da colocação de certas palavras na sentença, e, noutro, uma leve diferença de seqüência importa numa diferença cabal entre afirmação e pergunta. É claro que, nesses dois casos, o nosso princípio da ordem vocabular é um meio tão eficiente de expressão quanto em latim o uso de sufixos casuais ou de uma partícula interrogativa. Não se trata de pobreza funcional, e, sim, de economia formal.

Já vimos alguma coisa do processo de composição: união numa só palavra de dois ou mais elementos radicais. Psicologicamente, êsse processo alia-se intimamente com o que repousa na ordem das palavras uma vez que a relação entre os elementos também fica pressuposta e não explicitamente estabelecida. Difere noutro sentido, porque os elemen-

tos componentes são compreendidos como partes constituintes de um organismo vocabular único. Línguas como o chinês e o inglês, em que o princípio da ordem rígida se acha bem desenvolvido, tendem não poucas vezes a desenvolver palavras compostas. De uma seqüência vocabular chinesa do tipo *jin tak*, "homem virtude", i. e., "a virtude dos homens", só há um passo para justaposições mais convencionais e psicologicamente unificadas como *t'ien tsz*, "céu filho", i. e., "imperador", ou *xui fu*, "água homem", i. e., "carregador d'água". No último exemplo podemos até, aliás, francamente escrever *xui-fu* numa só palavra, pois a significação do composto, considerado em seu todo, é tão divergente dos valores etimológicos exatos dos elementos componentes quanto a do vocábulo inglês *typewriter* [port. "dactilógrafo"] o é dos valores meramente combinados de *type* e *writer* [respectivamente, "tipo de impressão" e "escritor"]. Em inglês a unidade de *typewriter* é além disso assegurada por um cento predominante na primeira sílaba e pela possibilidade da adjunção de sufixos à palavra em seu conjunto, como o *s* do plural; e o chinês também unifica os seus compostos por meio da acentuação.

Resta-nos assim concluir que, o processo de composição, embora nas suas longínquas origens vá ligar-se a ordens vocabulares típicas na sentença, é hoje na sua maior parte um método especializado de expressar idéias.

O francês tem ordem de palavras tão rígida quanto o inglês; mas não possui nada de semelhante à faculdade de que dispõe este último, de reunir palavras em unidades mais complexas. Por outro lado, o grego clássico, apesar da sua relativa liberdade na colocação das palavras, mostra considerável propensão para a formação de termos compostos.

É curioso observar como as línguas diferem enormemente na habitude de utilizar o processo de composição. Teoricamente, seria de esperar que um expediente tão simples como é o que nos deu as palavras *typewriter*, *blackbird* e legiões de outras, não fôsse nada menos do que processo gramatical universal. Tal não sucede, porém. Há um grande número de línguas, como o esquimó, o nutka e, com raras exceções, os idiomas semíticos em geral, que não sabem compor elementos radicais. O mais curioso é que muitas dessas línguas não são, em absoluto, infensas a formações vocabulares complexas, mas ao contrário praticam sínteses que deixam longe quase tudo o que o grego e o sânscrito ousam fazer.

Era de esperar, por exemplo, que uma palavra nutka, como "quando, segundo dizem, ele ficou ausente por quatro dias", contivesse pelo menos três elementos radicais, correspondentes aos conceitos de "ausente", "quatro" e "dia". Mas, na realidade, qualquer palavra nutka é absolutamente incapaz de composição, no sentido que damos a este termo. Constrói-se, invariavelmente, de um só radical e maior ou menor número de sufixos, cuja significação pode ser quase tão concreta quanto a do próprio radical. No exemplo particular que citamos, o radical dá a idéia de "quatro", sendo as noções de "dia" e "ausente" expressas por sufixos tão inseparáveis do núcleo da palavra quanto o é de *sing* ou *hunt* um elemento inglês como *-er* em *singer* ou *hunter* [ou os sufixos portugueses de "cantor", "caçador", correspondentemente].

A tendência para a síntese vocabular não é, de maneira alguma, portanto, a mesma coisa que a tendência para a composição dos radicais, embora seja esta última, não poucas vezes, um meio cômodo de que se serve aquela para manifestar-se.

Há uma variedade assombrosa de tipos de composição. Dependem da função, da natureza dos componentes e da sua ordem.

Em muitas línguas, a composição circunscreve-se ao que podemos chamar a função delimitadora, isto é, entre dois ou mais elementos componentes um obtém qualificação mais exata pelo contacto com os outros, que em nada concorrem para a construção formal da sentença. Em inglês, por exemplo, elementos componentes como *red* ("vermelho") em *redcoat* ou *over* [preposição "acima"] em *overlook* [própriamente, em português, "olhar por alto"] apenas modificam a significação do vocábulo essencial *coat* e *look* sem absolutamente partilhar da predicação expressa pela sentença.

Já outras línguas, como o iroquês e o náuatl⁶ confiam ao método da composição trabalho muito mais pesado. Assim, em iroquês, a composição de um nome, sob a sua forma radical, com um verbo seguinte é método típico para expressarem-se relações casuais, especialmente de sujeito ou objeto. "Eu-carne-come", por exemplo, é o método regular iroquês para construir a sentença — "estou comendo carne". Em

6. [Literalmente, "casaco vermelho"; mas quanto ao sentido "homem de farda", "militar".]

7. A língua dos astecas, ainda falada em grande parte do México.

outras línguas, formas análogas podem transmitir noções locais, instrumentais ou outras. Formas inglesas como *killjoy* e *marplot* [de *to mar*, "estragar", e *plot*, "projeto"] também ilustram a composição entre verbo e nome, mas o vocábulo resultante tem função estritamente nominal, e não verbal; não nos é lícito dizer *he marplots*. [A mesma observação aplica-se ao português; ex.: "guarda-chuva"].

Certas línguas admitem a composição de todos ou quase todos os tipos de elementos. O paiúte, por exemplo, compõe nome com nome, adjetivo com nome, verbo com nome para formar nome, nome com verbo para formar verbo, advérbio com verbo, verbo com verbo. O yana, língua índia da Califórnia, pode compor à vontade nome com nome e verbo com nome, mas não verbo com verbo. Por outro lado, o iroquês só pode compor nome com verbo; nunca, nome com nome, como faz o inglês, ou verbo com verbo, como fazem tantas outras línguas.

Finalmente, cada língua tem seus tipos característicos de ordem de composição. Em inglês o elemento que qualifica é regularmente anteposto; em outras, é posposto. Às vezes, são usados ambos os tipos, como em yana, onde carne de vaca é "mais amarga-caça", mas fígado de veado é expresso por "fígado-veado". O objeto composto de um verbo precede o elemento verbal em paiúte, náuatl e iroquês, mas se lhe segue em yana, tsinshian⁸ e nas línguas algonkin.

De todos os processos gramaticais o da afixação é incomparavelmente o mais freqüentemente empregado. Há línguas, como o chinês e o siamês, que não fazem uso gramatical de elementos que, concomitantemente, não possuam valor independente como radicais; mas línguas dessa espécie são pouco comuns.

Dos três tipos de afixação, — o uso de prefixos, de sufixos e de infixos —, é o segundo o mais encontrado. Pode-se até adiantar, sem receio, que os sufixos entram em maior escala na obra formal da linguagem do que todos os outros métodos reunidos. Vale salientar que há não poucas línguas de afixação, que absolutamente não fazem uso de prefixos e possuem um aparelhamento complexo de sufixos. Tais são o turco, o hotentote, o esquimó, o nutka e o yana. Algumas delas, como as três últimas citadas, têm centenas de sufixos, e muitos cuja significação é tão con-

8. Uma língua índia da Colúmbia Britânica e intimamente relacionada com o nass, já aqui citado.

creta que, na maioria das outras línguas, teria de expressar-se por meio de radicais. O caso inverso, do uso de prefixos com completa exclusão de sufixos, é muito menos comum. Tem-se um bom exemplo em khmer (ou cambodjiano), falado na Cochinchina francesa, mas ainda aí há traços de antigos sufixos, que deixaram de funcionar como tais, e hoje são sentidos como partes integrantes do radical.

Uma maioria considerável de línguas conhecidas usam a prefixação e a sufixação a um só e mesmo tempo, mas a importância relativa dos dois grupos de afixos muito varia naturalmente. Em alguns idiomas, como o latim e o russo, só aos sufixos cabe relacionar o vocábulo ao resto da sentença, circunscrevendo-se os prefixos à expressão daquelas idéias que delimitam a significação concreta do radical, sem influir no comportamento d'ele na proposição. Uma forma latina, como *remittebantur* "eram mandados de volta" pode servir de ilustração para esse tipo de distribuição de elementos. O prefixo *re-*, "de volta" apenas qualifica, até certo ponto, a significação inerente ao radical *mitt-*, "mandar", ao passo que os sufixos *-eba-*, *-nt-* e *-ur* transmitem noções menos concretas, mais estritamente formais, de tempo, pessoa, pluralidade e passividade.

Em compensação, há línguas, como o grupo bântu da África e as línguas athabaskan da América do Norte⁹, em que vêm em primeiro lugar os elementos de sentido gramatical, e aqueles que se seguem ao radical constituem uma classe relativamente dispensável. A palavra hupa *te-s-e-ya-te*, "irei", por exemplo, consta de um radical *-ya*, "ir", três prefixos essenciais e um sufixo formalmente subsidiário. O elemento *te-* indica que o ato se realiza cá e lá no espaço ou através de um espaço contínuo; não tem praticamente um alcance bem determinado fora dos radicais verbais a que está acostumado a juntar-se. O segundo prefixo *-s-* é ainda de menos fácil definição. O mais que podemos dizer é que se usa com formas verbais de tempo "finito" e assinala ação em progresso, antes do que um início ou um fim de ação. O terceiro prefixo *-e-* é um elemento pronominal, "eu", que só se pode usar em tempos finitos. Importa ficar bem compreendido que o uso do *-e-* é condicionado pelo do *-s-* ou outros prefixos alternativos e que *te-*, também, está na prática ligado ao emprêgo do *-s-*. O grupo *te-s-e-ya* é, pois, uma unidade gramatical firmemente coesa. O sufixo *-te*, que indica o futuro, não é mais neces-

9. Que inclui línguas como o návaho, apache, hupa, *carrier* [nome inglês, port. "carregador"], chipewyan, *loucheux* [nome francês].

sário ao seu equilíbrio formal, do que o *re-* prefixado, do vocábulo latino supracitado; não é um elemento capaz de existência isolada, tendo mais uma função de delimitação material do que estritamente formal¹⁰.

Não é sempre, entretanto, que podemos agrupar os sufixos para opô-los ao grupo dos prefixos. Provavelmente na maioria das línguas que utilizam os dois tipos de afixação, cada grupo tem ambas as funções, a de delimitação e a de expressão formal ou relacional. O mais que podemos dizer é que cada língua tende a exprimir sempre, de uma só maneira, as funções semelhantes. Se um dado verbo exprime um dado tempo por sufixação, é mais do que provável que exprima os seus outros tempos de modo análogo, e, mais ainda, que todos os verbos tenham elementos temporais sufixos. Análogamente, esperamos em regra encontrar os elementos pronominais, na medida em que se integram no verbo, consistentemente prefixados ou sufixados. Mas esta praxe está longe de ser absoluta. Já vimos como o hebraico prefixa os seus elementos pronominais em certos casos, e, em outros, os sufixa. Em chimariko, língua índia da Califórnia, a posição dos afixos pronominais depende do verbo; em alguns verbos são prefixados, e, em outros, sufixados.

Não será necessário dar muito mais exemplos das categorias de prefixação e sufixação. Bastará um de cada uma delas para ilustrar suas possibilidades formativas.

A idéia expressa em inglês pela sentença *I came to give it to her* [port. "Vim para lho dar"] diz-se em chinuk¹¹ *i-n-á-l-u-d-a-r*. Este vocábulo — e trata-se de um vocábulo perfeitamente unificado com um acento nítido no primeiro *-a-* — consta de um elemento radical *-d-* "dar", seis prefixos funcionalmente distintos, conquanto foneticamente frágeis, e um sufixo. Dos prefixos, *i-* indica passado recente; *-n-*, o sujeito pro-

10. Isso poderá surpreender o leitor inglês. Em regra consideramos o tempo uma função que se exprime apropriadamente de maneira toda formal. Tal noção deriva-se do pensar que o estudo da gramática latina nos deu. Na realidade, o futuro inglês (*I shall go*) não se expressa absolutamente por um afixo; demais, pode ser expresso pelo presente, como em — *to-morrow I leave this place* ["amanhã deixo este lugar"], onde a função temporal é inerente ao advérbio *to-morrow* [port. "amanhã"]. Em menor grau embora, o hupa *-te* é tão irrelevante ao vocábulo verbal propriamente dito, quanto "amanhã" ao nosso "sentimento" de *I leave* [port. "deixo"].

11. Dialeto wishram.

nominal "I" [port. "eu"], (*i-*) o objeto pronominal "it" [port. "o"]¹²; *-a-* o segundo objeto pronominal "her" [port. "lhe"]; *-l-*, um elemento posicional que indica que o prefixo pronominal precedente deve ser tomado como objeto indireto (*her-to*, i.e., "to her" [como em port. "a ela", que se poderia usar em vez de "The"]); e *-u-*, elemento que não é fácil definir satisfatoriamente, mas que de modo geral indica movimento partido da pessoa que fala. A parte (*-am*) sufixada modifica o conteúdo do verbo num sentido local; ajunta à noção contida no radical a de "chegada", isto é, "ida (ou vinda) para aquele fim". Vê-se, claramente, assim, que em chinuk, como em hupa, a engrenagem gramatical assenta mais nos prefixos do que nos sufixos.

Caso inverso, em que os elementos expressivos se aglomeram gramaticalmente, como em latim, no fim do vocábulo, é-nos ministrado pelo *fox*, [nome inglês "rapôsa", pronuncie-se *foks*], uma das línguas algonkias mais bem conhecidas no vale do Mississipi. Consideremos a forma *eh-kiwi-n-a-n-oh-ati-wa-ch(i)*, "então eles todos fizeram(-no) fugir deles". Aqui *kiwi-* é o radical, radical verbal que indica a noção geral de "movimento indefinido para um e outro lado, cá e lá". O elemento prefixado *eh-* quase não é mais do que uma partícula adverbial para indicar subordinação temporal; tradu-la convenientemente o nosso "então". Dos sete sufixos, incluídos neste vocábulo tão elaborado, *-n-* parece ser apenas um elemento fonético de ligação entre o radical verbal e o *-a-* seguinte¹³; este *-a-* é um radical secundário¹⁴ que denota a idéia de "fuga, fugir"; *-m-* designa causalidade em referência a um objeto animado¹⁵;

12. Na realidade *him* (forma masculina, ao passo que *it* é neutro); mas o chinuk, como o latim e o francês, possui gênero gramatical. Pode-se tratar um objeto de "he" [êle], "she" [ela] ou "it" [gênero neutro] de acôrdo com a forma característica do nome que o designa.

13. Esta análise é insegura. É provável que o *-n-* possua uma função, ainda por deslindar. As línguas algonkin são de uma complexidade fora do comum e apresentam muitos problemas de detalhe ainda não resolvidos.

14. "Radicais secundários" são elementos que são sufixos do ponto de vista formal, nunca figurando sem o suporte de um verdadeiro radical, mas cuja função, qualquer que seja o seu intento ou propósito, é tão concreta quanto a do próprio radical. Radicais verbais secundários desse tipo são características das línguas algonkin e do yana.

15. Nas línguas algonkin, todas as pessoas e coisas são conhecidas como animadas ou inanimadas, da mesma sorte que em latim ou alemão são concebidas como masculinas, femininas ou neutras.

É evidente que o processo de inflexão tem nessas línguas (e em suas cognatas) a mesma vitalidade que em outras possuem os prefixos e sufixos mais comuns.

O processo é também encontrado em certo número de línguas da América aborígene. O plural yana forma-se às vezes por um elemento inflexivo, e. g., *k'urwuri* "curandeiros", *k'uri* "curandeiro"; em chinês, usa-se um *-l* inflexivo em certos verbos para indicar atividade repetida e. g., *k'it'it'it'it'it'it'*, "ela fica olhando para ele", "ela olhou para ele" (elemento radical *-k*). Nas línguas siuan há um tipo peculiarmente interessante de inflexão, qual o de certos verbos insertos em elementos pronominais no próprio corpo do radical, e. g., *st'uch'et'*, "fazer uma fogueira", *ch'ewat'*, "eu fiz uma fogueira"; *xt'a*, "perder", *xun'it'a-p'*, "nos perdemos" (um objeto).

Processo subsidiário, mas não de maneira alguma, sem importância, e o da mutação interna vocálica ou consonantal. Em algumas línguas, como em inglês (*sing, sang, sung, song; goose, geese*), a primeira dessas mutações tornou-se um dos maiores métodos para indicar mudança básica de função gramatical. É, seja como for, o processo contínua viva, ao ponto de extrair os nossos filhos para caminhos invios. Todos conhecemos algum meninote que fala em "*having drunk something*" [em vez de *drank*, participio passado do verbo *to drink*, trazer] por analogia com formas como *sung* e *fung* [verbos *to sing*, "cantar", e *to fung*, "arromessar"]. Em hebraico, já o vimos, a mutação vocálica ainda é mais significativa do que em inglês; e o que é verdade para o hebraico, também o é, naturalmente, para todas as outras línguas semíticas. Uns poucos exemplos do chamado plural "quebrado" do arábico" servirão de suplemento às formas verbais hebraicas que já citei a outro propósito. O nome *balad*, "lugar", tem para plural a forma *bilad*, *gid*, "escondido"; faz o plural *gid*; de *ragil*, "homem", o plural é *rigal*; de *zibak*, "janela", o plural é *zabak*. Fenômenos muito semelhantes encontram-

16. [Traduziu-se por "curandeiro" a locução *modicine-man*, que a escola entropológica inglesa de Taylor e Fraser vulgarizaram e que os autores franceses (Levy-Bruhl, por exemplo) transpõem literalmente para *homme-medicine*].
17. Dialeto egípcio.
18. Há também mudanças de acento e quantidade vocálica nestas formas, mas as exigências de simplificação impedem-nos descrevê-las.

-o(h't) - indica atividade que recai no sujeito (ou, seja, a chamada voz medial ou médio-passiva do grego); *-(a)ti* - é o elemento de reciprocidade de "um ao outro"; *-wa-ch(ə)* - é a terceira pessoa animada do plural (*-wa* para o plural e *chi*, mais propriamente pessoal) das chamadas formas "conjuntivas". Pode-se traduzir a palavra mais literalmente (mas, apesar de tudo, só aproximadamente quanto à impressão gramatical do conjunto) por "então eles (sêres animados) fizeram um ser qualquer animado andar cá e lá em fuga de um para outro entre si". O esquímico, o nutka, o yana e outros idiomas têm equipamentos analogamente complexos de sufixos, embora difiram em grande escala as funções que tais sufixos realizam e os princípios por que se combinam.

Reservamos para ilustração separada o curiosíssimo tipo de elementos de inflexão conhecidos pelo nome de "infixos". É completamente ignorado em inglês, e menos que consideremos o *-n-* de *stand* [presente de "ficar de pé"], em contraste com *stood* [pretérito], uma consoante inflexada.

As antigas línguas indo-europeias, como latim, grego e sânscrito, faziam um uso relativamente considerável de nasais inflexadas em certos verbos, para diferenciar o presente de outras formas verbais (contrastese o latim *vinco* "venço"; com *vici* "venço"; o grego *λαμβάνω*, "tomo" com *ελάβον*, "tomei"). Há, entretanto, exemplos mais impressionantes do processo, exemplos em que ele assumiu uma função mais claramente definida, do que nesses casos latinos e gregos. É especialmente predominante em muitas línguas do sudeste da Ásia e do arquipelago malaio. Bons exemplos, tirados do khmer ou cambodjiano são *imeu*, "aquele que passava", e *ameu*, "passado" (nome verbal), ambos derivados de *deu*, "passar". Podemos ir buscar outros exemplos em bontok-igorot, língua filipina, em que um *-in-* inflexado traz a idéia do produto de uma ação realizada, e. g., *kayu*, "madeira", *kinayu*, "madeira apanhada" [i. e., "le-nha"]. São também usados, sem parâmetro, infixos no verbo bontok-igorot. Assim, um *-um-* inflexado é característico de certos verbos intran-sitivos que possuem sufixos pronominais de pessoa, e. g., *sad*, "esperar", *sumid-ak*, "eu espero"; *kineg*, "calado", *kumink-ak*, "eu estou calado". Em outros verbos indica futuro, e. g., *tenqao*, "celebrar um feriado", *tumengao-ak*, "terei um feriado". O pretérito é frequentemente indicado pelo infixo *-in-*; se já existe o infixo *-um-*, combinam-se os dois elementos em *-in-m-*, e. g., *kumink-ak* "estive calado".

se nas línguas hamíticas da África Setentrional, e. g., em shilh¹⁹ *izbīl*, "cabelo", plural *izbēl*; *a-slem*, "peixe", plural *i-slīm-en*; *sn*, "saber", *sen* "estar sabendo"; *rmi*, "cansar", *rumni*, "estar cansado"; *tts*²⁰, "adormecer", *tross* "dormir". De analogia impressionante com as alternâncias inglesas e gregas do tipo *sing-sang* e *leipo*, "deixo", *leloipa* "deixei", são em somali²¹ os casos de *al*, "sou", *il*, "era"; *i-dah-a*, "digo", *i-di*, "dizia", *deh*, "dize!"

A mutação vocálica é também de grande significação em certo número de línguas índias americanas. No grupo athabáskan muitos verbos mudam a qualidade ou a quantidade da vogal do radical ao mudar de tempo ou de modo. O verbo návaho correspondente a "ponho (grão) numa vasilha" é *bi-hi-x-dja*, em que *dja* é o radical; o tempo pretérito *bi-hi-dja'*, tem um *a* longo seguido da "oclusão glotal"²²; o futuro é *bi-h-de-x-dji* com a mudança completa da vogal. Em outros tipos de verbos návaho, as mutações vocálicas seguem linhas diferentes, e. g., *yah-a-ni-ye* "carregais (um fardo) para (uma cavaliça)"; pretérito *yah-i-ni-yin* (com *i* longo em *yin*, sendo o *n* aqui usado para indicar nasalização); futuro, *yah-a-di-yehl* (com *e* longo). Em outra língua índia, o yokuts²³, as modificações vocálicas manifestam-se tanto nas formas nominais como nas verbais. Assim, *buchong* "filho" forma o plural *bochang-i* (em contraste com a forma objetiva *buchong-a*); de *enax*, "avô", o plural é *imax-a*; o verbo *engtyim* "dormir" forma o continuativo *ingetyim-ad*, "estar dormindo" e o pretérito *ingetyimax*.

As mutações de consoante, como processo funcional, são por certo muito menos freqüentes do que as modificações vocálicas; mas, a bem dizer não são raras.

Em inglês tem-se um grupo de casos interessante — o de certos nomes e verbos correlatos que só diferem pela consoante final surda ou sonora. São exemplos *wreath* (com *th* como em *think*) mas *to wreathe* (com *th* como em *then*) [port. "grinalda" e "engrinaldar"]; *house*, mas

19. Língua berbere de Marrocos.

20. Algumas línguas berberes admitem combinações consonantais, que, a nós outros, parecem impronunciáveis.

21. Uma das línguas hamíticas da África oriental.

22. Ver pág. 56.

23. Falado no centro meridional da Califórnia.

to house (com *s* pronunciado como *z*) [port. "casa" e "alojar"]. Que temos o sentimento nítido da troca, como meio de distinguir o nome do verbo, prova-o a extensão do processo na bôca de muitos americanos para um nome do tipo *rise* (e. g. *the rise of democracy*) — pronunciado *rice* — em contraste com o verbo *to rise*, de *s* igual a *z* [port. "erguer"].

Nas línguas célticas, as consoantes iniciais sofrem várias espécies de mudança de acôrdo com a relação gramatical subsistente entre o vocábulo e o que precede. Assim, em irlandês moderno, uma palavra como *bo* "boi" pode, em adequadas circunstâncias, tomar as formas *bho* (pronuncie-se *wo*) ou *mo* (e. g., *an bo*, "o boi", sujeito, mas *tir na mo*, "terra dos bois", possessivo do plural). No verbo, o princípio tem, como uma das suas mais notáveis conseqüências, a aspiração das consoantes iniciais do pretérito. Se um verbo começa por *t*, digamos, troca o *t* por *th* (que hoje se pronuncia *h*) nas formas do passado; se começa por *g*, a consoante passa, em formas análogas, a *gh* (pronunciado como espirante sonora *g*²⁴ ou como *y*, segundo a natureza da vogal seguinte). Em irlandês moderno, o princípio da mutação consonantal, que começou no período mais arcaico como conseqüência secundária de certas condições fonéticas, tornou-se, pois, um dos processos gramaticais primordiais da língua.

Tão notáveis talvez quanto êsses fenômenos irlandeses são as permutas consonantais do ful, língua africana do Sudão. Aqui, verifica-se que todos os nomes pertencentes à classe pessoal formam o plural com a mudança da inicial *g*, *dj*, *d*, *b*, *k*, *ch* e *p* para *y* (ou *w*), *y*, *r*, *w*, *h*, *s* e *f* respectivamente, e. g. *djim-o* "companheiro", *yim-be* "companheiros", *pjo-o* "batedor" (nas caçadas), *fjo-be* "batedores". É curioso observar que nomes pertencentes à classe dos objetos formam o seu singular e plural de um modo exatamente inverso, e. g., *yola-re*, "lugar de relva crescida", *djola-dje*, "lugares de relva crescida"; *fitan-du*, "alma", *pital-i*, "almas". Em nutka, para citarmos ainda uma língua, em que se encontra êsse processo, o *t* ou *tl*²⁵ de muitos sufixos verbais torna-se *hl* em formas que designam repetição, e. g., *hita-ato*, "cair para fora", *hita-âhl*, "ficar caindo para fora"; *mat-achixt-utl*, "fugir pela água", *mat-achixt-ohl*, "ficar fugindo pela água". Além disso, o *hl* de certos elementos pas-

24. Ver pág. 57.

25. Essas grafias são apenas aproximações grosseiras de certos sons simples.

sa para um peculiar som *h* nas formas do plural, e. g. *yak-ohl* "contundido na face", *yak-oh*, "(gente) de face contundida". Nada mais natural do que a importância da reduplicação, ou seja, em outros termos, a repetição total ou parcial do radical. O processo é geralmente empregado, com transparente simbolismo, para indicar certos conceitos como distribuição, pluralidade, repetição, atividade habitual, aumento de tamanho, acréscimo de intensidade, continuidade. Até em inglês não é desconhecido, embora não se considere em regra um dos recursos formativos típicos da língua. Palavras como *goody-goody* e *to pooh-pooh* [de *goody*, "bobo" e *pooh!*, exclamação de desprezo] tornaram-se parte aceita de nosso vocabulário normal; mas o método da duplicação pode ser usado, em dados momentos, mais espontaneamente do que o indicam tais exemplos assim estereotipados. Locuções como a *big big man* ["homenzarrão"] ou *Let it cool till it's thick thick* ["Deixe esfriar até ficar bem consistente"] são muito mais comuns, especialmente na fala das mulheres e crianças do que o fariam supor os nossos compêndios de linguagem [cf., em português, "está fraquinho, fraquinho!"]. Contudo a enorme porção de palavras, muitas de som imitativo ou de intenção pejorativa, que têm reduplicações em inglês, com alternância às vezes de vogal ou de consoante, constituem uma classe à parte: são do tipo de *sing-song*, *riff-raff*, *wishy-washy*, *harum-skarum*, *roly-poly* [cf., em português, "zig-zag", "tic-tac", "bule-bule", "bim-bão", donde "bimbalhar", etc.]. Palavras desse tipo são praticamente universais. Exemplos como o russo *Chudo-Yudo* (um dragão), o chinês *ping-pang* (para o bater da chuva no telhado)²⁶, o tibetano *kyang-kiang*, "preguiçoso", o manchú *porpon-parpon* "rangelento", lembram curiosamente, na sua forma e psicologia, termos mais próximos de nós.

Não se pode dizer propriamente, entretanto, que o processo reduplicativo tenha uma significação gramatical específica em inglês [ou em português].

Convém buscarmos alhures a sua ilustração. Casos como o hotentote *go-go*, "olhar cuidadosamente" (de *go*, "ver"), somali *fen-fen* "ranger os dentes para todo lado" (de *fen*, ranger os dentes), chinuk *iwi-iwi*, "olhar em volta com cuidado, examinar" (de *iwi*, aparecer) ou tsinshian *am'an* "vários (são) bons" (de *am* bom) não se afastam do âmbito natural e fundamental do processo. Função mais abstrata é exemplifica-

26. Donde o nosso *ping-pong*.

da em ewe²⁷, em que tanto os infinitivos como os adjetivos verbais se formam do verbo por duplicação; e. g. *yi*, "ir", *yiyi* "ação de ir", *wo* "fazer", *wowo*, "feito"²⁸, *mawomawo* "ação de não fazer" (com duplicação tanto do radical verbal como da partícula negativa). Duplicações causativas são características do hotentote, e. g., *gam-gam*²⁹ "fazer dizer" (de *gam*, dizer). Ou usa-se o processo para derivar verbos de nomes, como no hotentote *khoe-khoe* "falar hotentote" (de *khoe-b*, homem hotentote) ou em kwakiútl *metmat*, "comer ostras" (elemento radical *met*, "ostra").

Os exemplos mais característicos de reduplicação são aqueles que repetem uma parte apenas do radical. Seria possível demonstrar a existência de um vasto número de tipos formais, nessa reduplicação parcial, segundo o processo — se serve de uma ou mais consoantes radicais, preserva, enfraquece ou altera a vogal radical, ou se refere ao começo, ao meio ou ao fim do radical. As funções são até mais exuberantemente desenhadas do que com a reduplicação simples, embora a noção básica, pelo menos na sua origem, seja quase sempre de repetição ou continuidade. Pode-se buscar de todas as partes do mundo exemplos ilustrativos dessa função fundamental. Reduplicações iniciais temos em shilh *ggen*, "estar dormindo" (de *gen* "dormir"); ful *pepeu-do*, "mentiroso" (i. e., aquele que sempre mente), plural *fefeu-be* (de *fevu*, "mentir"); bontok-igrot *anak*, "criança", *ananak* "crianças"; *kamu-ek*, "apresso-me", *kakamu-ek* "apresso-me mais"; tsinshian *gyad*, "pessoa", *gygyad*, "povo"; nass *gyibayuk*, "fugir", *gyigyibayuk* "aquele que foge". Psicologicamente comparáveis, mas com a reduplicação no fim, são somali *ur*, "corpo", plural *urar*; haússa *suna*, "nome", plural *sunana-ki*; washo³⁰ *gusu* "búfalo", *gususu*, "búfalos"; takelma³¹ *himi-d-* "conversar com...", *himim-d-* "ter o hábito de conversar com...". Ainda mais comumente do que a duplicação simples, essa duplicação parcial do radical assumiu em muitas línguas funções que não parecem ter a menor relação com a idéia de aumento.

27. Língua africana da Costa de Guiné [Também se usa em português o nome *gege*.]

28. No adjetivo verbal o tom da segunda sílaba difere do da primeira.

29. "*Click*" inicial (pág. 61, nota 16) omitido.

30. Língua índia de Nevada.

31. Língua índia de Oregon.

Talvez os exemplos mais conhecidos sejam os da reduplicação inicial das nossas antigas línguas indo-européias, que auxilia a formação do pretérito de muitos verbos (e. g. sânscrito *dadar-xa*, "vi", grego *leilopa* "deixei"; latim, *tetigi*, "toquei", gótico *lelot*, "concedi"). Em nutka emprega-se não raro a reduplicação do elemento radical em associação com certos sufixos; e. g. *hluch-*, "mulher", forma *hluch-ituhl*, "sonhar com uma mulher", *hluch-k'ok* "parecido com uma mulher". Exemplos psicológicamente semelhantes ao grego e ao latim são, em takelma, muitos casos de verbos que exibem duas formas do radical, uma usada no presente e no pretérito, a outra no futuro e em certos modos e derivados verbais. A primeira tem uma reduplicação final, que não figura na segunda; e. g. *al-yebeb-i'n* "mostro-lhe (ou mostrei-lhe)", *al-yeb-in*, "mostrar-lhe-ei".

Chegamos agora ao mais sutil dos processos gramaticais: variações de acentuação, quer na intensidade, quer na altura.

A principal dificuldade em isolar o acento como processo funcional está em que êle se acha muitas vezes tão combinado com alternâncias de quantidade ou qualidade vocálica, ou tão complicado pela presença de afixos que o seu valor gramatical aparece sob aspecto mais secundário do que primordial.

Em grego, por exemplo, é um característico das formas verbais requarem o acento o mais longe possível, dentro das regras prosódicas gerais, enquanto os nomes apresentam maior liberdade de acentuação. Há, assim, uma importante diferença de acento entre uma forma verbal como *eluthemen*, "fomos libertados", acentuado na penúltima sílaba, e o seu derivado principal *lutheis*, "libertado", acentuado na última. A presença dos elementos verbais típicos *e-* e *-men*, no primeiro caso, e do *s* nominal, no segundo, concorre para obumbrar o valor inerente da alternância de acentos. Esse valor ressalta nitidamente em formas duplas inglêsas como *to refund* (verbo, oxítono) e *a refund* (nome, paroxítono), *to extract* e *an extract*, *to come down* e *a come down*, *to lack luster* e *lack-luster eyes*; em que a diferença entre o verbo e o nome só depende da mudança de acentuação [É o que análogamente se verifica em português entre a 1.ª pessoa singular do indicativo presente e o nome deverbal correlato, de, por exemplo, "(eu) reverbero", paroxítono, e "(o) revérbero", proparoxítono, "(ê)le fabrica", paroxítono, e "(a) fábrica", proparoxítono, etc.]. Nas línguas athabáskan, há não raro significativas alternâncias de acen-

to como em návahô *ta-dí-gis*, "vós vos lavais" (acentuado na segunda sílaba) e *tá-dí-gis* "êle se lava" (acentuado na primeira)²².

O acento de altura pode desempenhar função tão importante quanto o de intensidade e talvez a desempenhe mais a miúdo. O simples fato, entretanto, de serem as variações de altura essenciais na fonética de uma língua, como em chinês (e. g. *fēng*, "vento" com tom nivelado, *fēng*, "servir" com tom decrescente) ou em grego clássico (e. g. *lab-ón*, "tendo tomado", com tom simples ou alto no sufixo de participio *-on*; *gunaik-ôn*, "de mulheres", com um tom circunflexo ou decrescente no sufixo casual *-on*) não constitui por si só, necessariamente, uma aplicação da altura para fins funcionais, ou, digamos melhor, gramaticais. Em tais casos a altura está meramente integrada no radical ou no afixo, como estão as consoantes e as vogais.

Já é coisa diferente uma alternância chinesa do tipo de *chūng* (nivelado), "meio", e *chūng* (decrescente), "acertar no meio"; *mái* (crescente), "comprar" e *mái* (decrescente), "vender"; *pēi* (decrescente), "costas", e *pēi* (nivelado) "levar às costas". Exemplos desta ordem não são, a rigor, comuns em chinês, nem se pode dizer que a língua possua atualmente o sentimento nítido de simbolizar nas diferenças tônicas a distinção entre o nome e o verbo.

Há idiomas, entretanto, em que tais diferenças têm importância gramatical das mais fundamentais. São elas particularmente comuns no Sudão. Em ewe, por exemplo, existem, provavelmente de *subo*, "servir", duas formas reduplicadas, uma infinitiva *subòsubó*, "servir", com tom baixo nas duas primeiras sílabas e alto nas duas últimas e uma adjetiva *subòsubó*, "(aquê)le que serve", em que tôdas as sílabas são em tom alto.

Ainda mais notáveis são casos ministrados pelo shilluk, uma das línguas das cabeceiras do Nilo. Assim, o plural de um nome muitas vezes difere do singular pela entoação; e. g., *yít* (alto), "ouvido", mas *yít* (baixo) "ouvidos". Nos pronomes, pode-se distinguir três formas apenas pelo tom: *é*, "êle", tem tom alto e é subjetivo, *-e*, "o" (e. g., *a chwol-e*, "êle o chamou") tem tom baixo e é objetivo, *-e* "dêle" (e. g., *wod-e*, "casa dêle") tem tom médio e é possessivo. Do elemento verbal *gwed-*, "escrever", formam-se *gwed-ó* "(ê)le escreve", com tom baixo a passiva.

22. Não é improvável, entretanto, que estas alternâncias sejam primordialmente de natureza tônica (altura).

gwét, "(estava) escrito", com tom decrescente, o imperativo *gwét!* "escreve!", com tom crescente, e o nome verbal *gwét*, "escrita", com tom nivelado.

Sabe-se que na América aborígine também ocorre o acento de altura como processo gramatical. Bom exemplo de uma dessas línguas de entoação é o tlingit, falado pelos índios da costa meridional do Alasca. Aí, muitos verbos variam o tom do radical conforme o tempo; *hun*, "vender", *sin*, "ocultar", *tin*, "ver", e muitos outros radicais, pronunciados em tom baixo referem-se ao pretérito, e em tom alto, ao futuro. Ilustram outro tipo de função as formas takelma *hél*, "canto", com altura decrescente, mas *hél*, "cante!" com uma inflexão de voz ascendente; há paralelamente *sel*, (decrescente) "pintado de preto", *sel* (crescente), "pinta-o!".

Bem pesado tudo isso, torna-se evidente que o acento de altura, como a intensidade e as modificações vocálicas ou consonantais, é utilizado com muito menos parcimônia, como processo gramatical, do que poderíamos supor provável dentro dos nossos hábitos lingüísticos.

V

A FORMA NA LINGUAGEM: OS CONCEITOS GRAMATICAIS

Vimos que o vocábulo isolado exprime um conceito simples ou uma combinação de conceitos tão intrincados que constituem uma unidade psicológica. Examinamos rapidamente, além disso, sob um aspecto estritamente formal, os principais processos que são usados em tôdas as línguas conhecidas com o fim de submeter os conceitos fundamentais, — aqueles que estão corporificados nos vocábulos inanalísáveis ou nos radicais de um vocábulo —, à influência modificadora ou formativa dos conceitos subsidiários.

Neste capítulo, olharemos mais de perto para a natureza do mundo dos conceitos, na medida em que êsse mundo se reflete e sistematiza na estrutura lingüística.

Começemos com uma sentença simples inglesa que inclui vários tipos de conceitos — *the farmer kills the duckling*.

Uma análise perfunctória revela aqui a presença de três conceitos distintos e fundamentais relacionados entre si por uma porção de maneiras. São êles: *farmer* ["lavrador"], sujeito do discurso; *kill* ["matar", na 3.ª pessoa do presente "mata"], que define a natureza da atividade a que a sentença se refere; e *duckling* [*duck*, "pato", e o sufixo diminutivo *-ling*, para indicar um "filhote de pato"], outro sujeito do discurso¹ que toma parte importante, embora um tanto passiva, nessa atividade. Podemos ter uma visão do lavrador [*farmer*] e do animal [*duckling*] e construir sem dificuldade uma imagem do ato praticado [*kill*]. Em outros termos, os elementos *farmer*, *kill* e *duckling* definem conceitos de ordem concreta.

1. Não no seu sentido técnico.

Análise lingüística mais cuidadosa, porém, mostra-nos logo que os dois sujeitos do discurso, por mais singela que seja a nossa visão mental a respeito, não estão expressos da maneira direta e imediata por que nos impressionam. *Farmer* é em certo sentido um conceito perfeitamente unificado, em outro sentido é “aquêlê que lavra [*farm*, verbo “lavrar”]. O conceito transmitido pelo radical (*farm-*) não é absolutamente um conceito de personalidade, mas de atividade industrial (*to farm*), que parte por sua vez do conceito de um tipo particular do objeto (*a farm*) [isto é, em inglês, o substantivo de coisa *farm*, “herdade, fazenda”, determinou a formação de um verbo *to farm*, de que saiu por sua vez o substantivo de pessoa *farmer* expresso no exemplo]. Da mesma sorte, o conceito de *duckling* está em posição ulterior à do conceito expresso pelo radical *duck*. Este, que pode figurar como vocábulo independente, refere-se a tóda uma classe de animais, grandes e pequenos, ao passo que *duckling* está limitado na sua aplicação aos filhotes dessa classe. O vocábulo *farmer* tem um sufixo “agentivo” *-er*, ao qual cabe a função de indicar a pessoa que realiza uma dada atividade [como em port. “-dor” de “lavrador”, por exemplo, que é “aquêlê que lavra”]. Tal sufixo transforma o verbo *to farm* num nome agentivo, precisamente como transforma os verbos *to sing*, *to paint*, *to teach* [“cantar”, “pintar”, “ensinar”, ou seja, “professar”], nos nomes agentivos correspondentes *singer*, *painter*, *teacher* [port. “cantor”, “pintor”, “professor”]². O elemento *-ling* não apresenta um uso igualmente amplo, mas a sua significação é óbvia. Acrescenta ao conceito básico a noção de pequenez (como ainda em *gosling* e *fledgeling*) ou a noção correlata de “mesquinhez desprezível” (como em *weakling*, *princeling*, *hireling*). Tanto o agentivo *-er* quanto o diminutivo *-ling* transmitem idéias nitidamente concretas (de uma maneira geral as de “pessoa que faz” e “pequeno”); mas êsse caráter concreto não fica bem acentuado. O papel dos dois sufixos não é tanto definir conceitos distintos quanto servir de elemento intermediário entre certos conceitos. O *-er* de *farmer* não diz pròpriamente “aquêlê que (*farm*s)”]; indica apenas que a espécie de pessoa a que chamamos *farmer* está ão associada às atividades da lavoura que pode ser convencionalmente

2. [Nos exemplos portugueses, há entre o verbo e o nome um sentimento de derivação atual, que não corresponde à realidade histórica, pois tanto o nome como o verbo estão no mesmo plano de derivação em referência aos radicais primitivos dos verbos latinos *canere*, *pingere*, *profiteri*.]

concebida como sempre ocupada nessas atividades. Evidentemente, irá à cidade e tratará de atividades muito outras, mas sempre com a papelleta lingüística de *farmer*.

A linguagem revela nisto certa incapacidade, ou se quiserem, certa tendência rígida a olhar muito além da função imediatamente sugerida, confiando em que a imaginação e a força do hábito bastam para preencher as transições de pensamento e os detalhes de aplicação que distinguem do conceito concreto (*to farm*) um seu conceito “derivado” (*farmer*). Seria, com efeito, impossível a qualquer língua exprimir cada idéia concreta por um radical ou por uma palavra independente. O que há de concreto na experiência é infinito; os recursos da língua mais rica são estritamente limitados. A língua tem, pois, forçosamente de jogar inúmeros conceitos debaixo da rubrica de certos conceitos básicos, servindo-se de outras idéias concretas ou semiconcretas como intermediários funcionais. As idéias expressas por êsses elementos intermediários, — os quais podem ser vocábulos independentes, afixos ou modificações do radical —, podem ser chamadas “derivadas” ou “qualificativas”. Alguns conceitos concretos, como *kill*, são expressos por um radical; outros, como *farmer* e *duckling*, por um meio derivado.

Em correspondência a êsses dois modos de expressão há dois tipos de conceitos e de elementos lingüísticos, um radical (*farm*, *kill*, *duck*) e outro derivado (*-er*, *-ling*). Quando um vocábulo (ou um grupo unificado de vocábulos) contém um elemento (ou um vocábulo) derivado, a significação concreta do radical (*farm-*, *duck-*) tende a esvair-se da consciência e a deixar-se substituir por um novo valor concreto (*farmer*, *duckling*), que é antes sintético na expressão do que pròpriamente na idéia. Na nossa sentença, por exemplo, não entram a rigor os conceitos de *farm* e *duck*; ficam meramente latentes, por motivos formais, na expressão lingüística.

Voltando à sentença, sentimos que a análise de *farmer* e *duckling* não interessa praticamente à compreensão do seu conteúdo e não interessa absolutamente à percepção da sua estrutura global. Partindo-se da sentença, os elementos derivados *-er* e *-ling* são apenas detalhes da economia local de dois de seus termos (*farmer* e *duckling*) por ela aceitos como unidades de expressão.

Evidencia-se essa indiferença da sentença, como tal, a uma parte da análise dos seus vocábulos com substituímos a *farmer* e *duckling* vo-

cábulos radicais como *man* ["homem"] e *chick* ["pinto"], obtendo novo conteúdo material, é certo, mas não absolutamente novo molde estrutural.

Podemos ir além e substituir outra atividade à de matar, a de "segurar" digamos [inglês *to take*]. A nova sentença *the man takes the chick*, é totalmente diversa da primeira quanto ao assunto mas não quanto à maneira de tratá-lo. Sentimos instintivamente, sem a mais leve tentativa de análise consciente, que as duas sentenças adotam precisamente o mesmo padrão, que são na realidade uma mesma sentença fundamental, diferindo apenas pelo revestimento material. Em outros termos, exprimem de maneira idêntica idênticos conceitos de relação. A maneira é, por assim dizer, tríplice — o uso de um vocábulo inerentemente relacional (*the*) [artigo definido] em posições análogas; a seqüência análoga (sujeito, predicado constituído de verbo e objeto) dos termos concretos da sentença; e o uso no verbo do elemento sufixado -s [desinência do indicativo presente da 3.ª pessoa singular].

Mude-se um desses caracteres da sentença e ela fica modificada, leve ou profundamente, sob o seu aspecto puramente relacional, não-material. Se omitir-se *the* (*farmer kills duckling, man takes chick*) ela torna-se impossível; não entra num padrão formal reconhecido e os dois sujeitos do discurso parecem incompletos, suspensos no vácuo. Sentimos que não há relação estabelecida entre eles, relação essa que já está prevista na mente de quem fala e quem ouve. Assim que o *the* é anteposto aos dois nomes, sentimos um alívio. Ficamos sabendo que o lavrador e a ave de que nos fala a sentença, são o mesmo lavrador e a mesma ave, a que nos referíamos, ou de que ouvíamos referência, ou em que pensávamos, momentos antes. Se eu encontrar um homem que não está cogitando e nada sabe do citado lavrador, defrontarei provavelmente com um olhar de pasmo por toda resposta, ao lhe comunicar que "*the farmer* ("quem é ele?") *kills the duckling* ("não sabia que ele tinha um, seja ele lá quem fôr"). Se, não obstante, o fato me parecer digno de ser comunicado, serei forçado a falar de "*a farmer up my way*" ["um lavrador lá das minhas bandas"] e de *a duckling of his* ["um patinho seu"]. Esses vocabulozinhos, *the* e *a*, [artigos "o" e "um"] têm a importante função de estabelecer uma referência definida ou indefinida.

Omitindo o primeiro *the* e abandonando concomitantemente o -s sufixado, obtenho um tipo inteiramente novo de relações. *Farmer, kill the duckling* implica que me estou dirigindo a um lavrador, não

apenas falando dêle; e, além disso, que ele não está matando a ave, mas recebendo uma ordem minha neste sentido. A relação subjetiva que havia na primeira sentença, tornou-se uma relação vocativa; e a atividade passa a ser concebida em termos imperativos e não indicativos.

Concluimos, portanto, que se o lavrador deve ser apenas uma pessoa de quem se fala, o artigo tem de voltar ao seu lugar e o -s não deve ser supresso. Este último elemento claramente define, ou antes, auxilia a definir uma sentença enunciativa em contraste com uma ordem.

Verifico, além disso, que, se quiser falar de vários lavradores, não poderei dizer — *the farmers kills the duckling*, mas sim — *the farmers kill the duckling*. Evidentemente, pois, o -s pressupõe a singularidade do sujeito. Se o nome é singular, o verbo tem uma forma que lhe corresponde, e tem outra, se o nome é plural³. A comparação com formas como *I kill* [1.ª pessoa do singular] e *you kill* [2.ª pessoa do plural] mostra, a mais, que o -s tem exclusiva referência a uma pessoa outra que não aquela que fala ou aquela com que se fala. Concluimos, pois, que conota aí uma relação pessoal, ao mesmo tempo que uma noção de singularidade. E a comparação com uma frase como — *The farmer killed* [pretérito; port. "matou"] *the duckling* indica haver ainda neste sobre-carregadíssimo -s a designação nítida do tempo presente.

O caráter indicativo da sentença e a referência de pessoa podem ser considerados conceitos inerentes de relação. O número é evidentemente sentido pelos que falam inglês como uma relação necessária, pois, do contrário não haveria razão para exprimir-se duas vezes o conceito — uma vez no nome, outra vez no verbo. O tempo também é claramente sentido como conceito de relação; se o não fôsse, poder-se-ia dizer *the farmer killed-s* para corresponder a — *the farmer kills*.

Dos quatro conceitos inextricavelmente entrelaçados no sufixo -s, todos são sentidos, pois, como conceitos de relação, sendo que dois têm o caráter de relação necessária. A distinção entre um verdadeiro conceito de relação e um que é apenas sentido e tratado como tal, sem que seja parte intrínseca da natureza das coisas, merecerá maior atenção nossa daqui a um momento.

3. É claro que é por "acidente" que o -s denota pluralidade no nome e singularidade no verbo.

Finalmente, é-me possível modificar radicalmente o contôrno relational da sentença com alterar a ordem dos seus elementos. Se forem trocadas as posições de *farmer* e *kills*, a sentença ficará — *kills the farmer the duckling*, o que é muito naturalmente interpretado como uma maneira insólita, mas não ininteligível, de fazer a pergunta — *does the farmer kill the duckling?*⁴. Nesta nova sentença, não se concebe o ato como necessariamente em realização. Pode, ou não, estar-se passando êsse ato, ficando apenas pressuposto que a pessoa que fala quer saber a verdade e acha que pode ter informação da pessoa com quem fala. A sentença interrogativa possui uma “modalidade” inteiramente diversa da declarativa, e pressupõe uma atitude nitidamente diversa da parte de quem fala para quem ouve.

Haverá mudança ainda mais notável nas relações pessoais, se trocarmos a posição de *farmer* e *duckling*. *The duckling kills the farmer* envolve precisamente os mesmos sujeitos do discurso e o mesmo tipo de atividade que a nossa primeira sentença, mas os papéis estão invertidos. A ave vingou-se do homem, como o verme do provérbio, ou, para usarmos a terminologia gramatical, o que era “sujeito” é agora “objeto”, e o que era objeto é agora sujeito.

O quadro infra analisa a sentença do ponto de vista dos conceitos nela expressos e dos processos gramaticais utilizados para tal expressão:

I. Conceitos Concretos:

1. Primeiro sujeito do discurso: *farmer*.
2. Segundo sujeito do discurso: *duckling*.
3. Atividade: *kill*.

— analisáveis em:

A. Conceitos Radicais:

1. Verbo: (*to*) *farm*.
2. Nome: *duck*.
3. Verbo: *kill*.

4. [Em inglês o verbo interrogativo é normalmente constituído com o auxiliar *do* (presente, 3.ª pes. sing. *does*), *did* (passado), a que se pospõe o sujeito, a menos que se trate de um verbo como *have*, *be*, *will*, *shall*, *must*, *may* ou de um tempo composto com um destes na função de auxiliar. Em alta, poesia, porém, esporadicamente, poderia aparecer a forma admitida pelo autor.]

B. Conceitos Derivados:

1. Agentivo: expresso pelo sufixo *-er*.
2. Diminutivo: expresso pelo sufixo *-ling*.

II. Conceitos de Relação

Referência:

1. Referência definida quanto ao primeiro sujeito do discurso: expresso pelo primeiro *the*, que tem posição prepositiva.
2. Referência definida quanto ao segundo sujeito do discurso: expresso pelo segundo *the*, que tem posição prepositiva.

Modalidade:

3. Declarativa: expressa pela seqüência de sujeito *mais* verbo; e pressuposta pelo *-s* sufixado.

Relações pessoais:

4. Subjetividade de *farmer*: expressa pela anteposição de *farmer* a *kills* e pelo *-s* sufixado.
5. Objetividade de *duckling*: expressa pela posposição de *duckling* a *kills*.

Número:

6. Singularidade do primeiro sujeito do discurso: expresso pela ausência de sufixo de plural em *farmer*; e pelo sufixo *-s* no verbo seguinte.
7. Singularidade do segundo sujeito do discurso: expresso pela ausência do sufixo do plural em *duckling*.

Tempo:

8. Presente: expresso pela ausência de sufixo de pretérito no verbo; e pelo *-s* sufixado.

Nesta curta sentença de cinco vocábulos, estão expressos, portanto, treze conceitos distintos, três dos quais radicais e concretos, dois derivados e oito de relação.

Talvez o mais notável resultado da análise seja a prova, mais uma vez obtida, da curiosa falta de correspondência em nossa língua entre a função e a forma. O método de sufixação é usado tanto nos elementos derivados como nos de relação; vocábulos independentes ou radicais exprimem tanto idéias concretas (objetos, atividades, qualidades) como idéias de relação (artigos *the* e *a*, vocábulos que definem relações de lugar como *in*, *on*, *at*) [cf. em português os artigos "o" e "um", e as preposições "em", "sobre", "a"]; um mesmo conceito de relação pode ser expresso mais de uma vez (assim, a singularidade de *farmer* é expressa negativamente no nome e positivamente no verbo); e um elemento pode conter um grupo de conceitos intrincados em vez de um só conceito definido (assim, o -s de *kills* encarna nada menos que quatro relações que logicamente são independentes entre si).

A nossa análise poderá parecer um tanto elaborada; apenas, porém, porque estamos tão habituados aos nossos conhecidíssimos canais de expressão que eles chegam a se nos apresentar como inevitáveis.

Ora, a análise destrutiva do que é familiar, vem a ser o único método para chegarmos a compreender modos fundamentalmente diferentes de expressão. Perceber o que há de fortuito, de ilógico, de desequilibrado na estrutura da língua nativa, é meio caminho andado para sentir e apreender a expressão das várias classes de conceitos em tipos de fala estranha. Nem tudo que é "extranacional" é intrinsecamente de natureza ilógica e complexamente forçada. Não raro, é precisamente aquilo que nos é familiar, que perspectiva mais ampla revela ser curiosamente esporádico.

De um ponto de vista puramente lógico, é óbvio que não há uma razão inerente para explicar por que os conceitos expressos na nossa sentença de há pouco estão considerados, tratados e agrupados da maneira que vimos. Tal sentença é antes o produto de forças psicológicas, históricas e irrefletidas, do que uma síntese lógica de elementos nitidamente apreendidos na sua individualidade.

É o que se verifica, em maior ou menor grau, em tôdas as línguas, se bem que nas formas de muitas delas se nos depare, melhor do que nas nossas formas inglesas, um reflexo mais coerente e consistente daquela análise, orientada para os conceitos individualizados, que nunca está inteiramente ausente da linguagem, embora complicada e sobrecarregada com fatores mais irracionais.

Exame perfunctório de outras línguas, próximas e remotas, mostrar-nos-ia bem depressa que alguns ou todos os treze conceitos que sucede figurarem na nossa sentença de há pouco, podem não só ser expressos sob forma diferente como ficar diferentemente agrupados entre si; que alguns deles podem ser postos de lado; e que outros conceitos, que não foram levados em consideração na construção inglesa, podem passar a ser tratados como absolutamente indispensáveis à inteligibilidade da proposição.

Consideremos primeiramente a possibilidade de um tratamento diverso para os conceitos incluídos na sentença inglesa.

Se nos voltarmos para o alemão, verificaremos que, na sentença equivalente (*Der Bauer tötet das Entlein*), o definido da referência expressado pela partícula inglesa *the* está inevitavelmente combinado com três outros conceitos — número (tanto *der* como *das* são explicitamente singulares), caso (*der* é subjetivo; *das* é subjetivo ou objetivo, logo por eliminação, é aqui objetivo), e gênero, novo conceito de ordem relacional que neste caso não está explicitamente pressuposto em inglês (*der* é masculino, *das* é neutro). Aliás, a tarefa principal de exprimir o caso, o número e o gênero cabe em alemão mais propriamente às partículas de referência do que às palavras que traduzem os conceitos concretos (*Bauer*, *Entlein*) e das quais êsses conceitos de relação devem logicamente depender. Também na esfera dos conceitos concretos é digno de nota que o alemão cinde a idéia de "matar" no conceito básico de "morto" (*tot*) e no conceito derivado de "fazer que seja isto ou aquilo" (pelo método da mutação vocálica, *töt-*) [*ö* tremado indica a vogal *eu*, do francês *feu*, por exemplo, resultante em alemão de uma evolução do *o* de *tot*]; o alemão *tötet* (analiticamente, *tot* + mutação vocálica + *et*), "faz que seja morto" é, aproximadamente, o equivalente formal do nosso *dead-en-s*, embora a aplicação idiomática desta última palavra seja outra. [É derivado de *dead* "morto", como o port. "amortecer", e, como êste, só de aplicação secundária⁵].

Podemos fazer maior digressão e lançar os olhos para o método de expressão em yana. Em tradução literal o equivalente yana da nossa

5. "Fazer ser morto", ou "fazer morrer", no sentido de "matar" é de uso muitíssimo espalhado. Encontra-se, por exemplo, em *nutka* e em *siú*.

sentença de há pouco será qualquer coisa como — “mata êle lavrador⁶ êle a patinho”, em que “êle” e “a” são grosseiras aproximações — de um pronome geral da terceira pessoa para qualquer gênero e número, e de uma partícula objetiva que indica que o nome seguinte se prende ao verbo em função outra que não a de sujeito. O elemento sufixado em “mat-a” [ou, em inglês, *kill-s*] corresponde ao nosso sufixo, salvo em dois pontos importantes: não acarreta referência ao número do sujeito e esclarece que se trata de um fato verídico, sob a garantia da pessoa que fala. O número só fica, indiretamente, expresso em virtude da ausência do sufixo verbal específico, que indicaria a pluralidade do sujeito, e dos elementos específicos do plural para os dois nomes. Se a afirmação tivesse sido feita sob a garantia de uma terceira pessoa, teria de ser usado um sufixo temporal-modal completamente diverso. Os pronomes de referência (“êle”) nada dizem quanto ao número, gênero e caso. Aliás, o gênero falta completamente ao yana como categoria de relação.

A sentença yana já mostra, por conseguinte, que se pode fazer abstração de alguns dos nossos conceitos supostamente essenciais; e tanto a sentença yana quanto a alemã mostram, a mais, que se pode sentir a necessidade de expressar certos conceitos, que os homens de língua inglesa, ou antes os hábitos da língua inglesa, não têm na mínima conta.

É possível prosseguir e ir dando novos e inumeráveis exemplos de divergência com a forma inglesa, mas temos de nos contentar com mais algumas ilustrações apenas.

Na sentença chinesa — *Man kill duck*, que pode ser considerada equivalente prático de *The man kills the duck*, não há, para a consciência chinesa, a sensação de infantilidade, hesitação e deficiência que experimentamos diante da correspondente tradução literal. Cada um dos três conceitos concretos, — dois seres e uma ação —, é diretamente expresso por um vocábulo monossilábico, que é ao mesmo tempo um mero radical; os dois conceitos de relação, — sujeito e objeto —, são unicamente expressos pela posição das palavras que designam os seres antes e depois da palavra que designa a ação. E é tudo. Noção de definido ou indefinido, número, personalidade como aspecto inerente do verbo e tempo, sem

6. A agricultura não era exercida pelos yana. A idéia verbal de “lavar” expressar-se-ia provisoriamente de maneira sintética por “cavar-terra” ou “fazer-brotar”. Há bastantes elementos correspondentes a *-er* e *-ling*.

falar em gênero, — tudo isto não recebe expressão na sentença chinesa, que, não obstante, é uma comunicação verbal perfeitamente adequada, desde que haja, bem entendido, aquêle contexto, aquêle fundo de quadro de compreensão mútua, essencial à completa inteligibilidade da linguagem. Nem esta ressalva prejudica o argumento, pois também na sentença inglesa deixamos sem expressão grande número de idéias, das quais umas estão implicitamente aceitas, e outras foram desenvolvidas, ou vão sê-lo, no curso da conversação. Nada se disse, por exemplo, nas sentenças inglesa, alemã, yana e chinesa, a respeito das relações de lugar entre o lavrador, o pato e das dos interlocutores com êles ou entre si. Será que o lavrador e o pato estão ambos, ou está um ou outro, fora da vista da pessoa que fala, ou dentro de âmbito visual dela ou de quem ouve, ou ainda são vistos de um terceiro ponto de referência “acolá”? Em outros termos, parafraseando-se grosseiramente certas idéias “demonstrativas” latentes, êsse lavrador (invisível para nós, mas pôsto atrás de uma porta não longe de mim, estando tu sentado acolá fora de alcance) mata aquêle pato (que te pertence)? ou aquêle lavrador (que vive na tua vizinhança e que estamos vendo acolá) mata aquêle pato (que lhe pertence)? Esse tipo de frase elaboradamente demonstrativo é estranho à nossa maneira de pensar, mas pareceria naturalíssimo, quicá inevitável, a um índio kwakiutl.

Quais são, então, os conceitos absolutamente essenciais na fala, os conceitos que têm de ser forçosamente expressos para que a linguagem seja um meio satisfatório de comunicação?

É claro que temos de ter, antes de tudo, um bloco de conceitos básicos ou radicais, o assunto concreto da fala. Temos de ter objetos, ações, qualidades para conversar a respeito, e tudo isso tem de ter símbolos correspondentes que sejam vocábulos independentes ou radicais. Nenhuma proposição, por mais abstrato que seja o seu intuito, é humanamente possível sem um ou mais pontos de contacto com o mundo concreto dos sentidos. Em tôda proposição inteligível, têm de ser expressas duas, pelo menos, dessas idéias radicais, embora em casos excepcionais uma, ou até uma e outra, fique pressuposta no contexto.

E, em segundo lugar, têm de ser expressos conceitos de relação tais que os conceitos concretos fiquem enlaçados entre si, construindo uma forma definida e fundamental de proposição, onde não deve haver qualquer dúvida a respeito da natureza das relações existentes entre os con-

ceitos concretos. Temos de saber qual déles está direta ou indiretamente relacionado ao outro, e como o está. Se queremos falar de uma coisa e de uma ação, temos de saber se estão coordenados entre si (e. g. "êlé gosta do vinho e do jogo"); ou se a coisa está concebida como o ponto de partida, o "agente" da ação, ou seja em linguagem usual como "sujeito", a que a ação está predicada; ou se, ao contrário, é o ponto final, o "objeto" da ação.

Se quero comunicar uma idéia inteligível acêrca de um lavrador, um pato e a ação de matar, não é suficiente apresentar os respectivos símbolos lingüísticos à toa, em qualquer ordem, confiado em que a pessoa que me ouve, tire uma espécie de norma de relação dentre as possibilidades gerais do caso.

As relações sintáticas fundamentais precisam de ser expressas sem ambigüidade.

Posso permitir-me guardar silêncio a propósito do tempo, do lugar, do número e de muitos outros tipos de conceitos, mas não posso fugir de positivar quem está praticando o ato. Não há nenhuma língua conhecida que possa ou tente fugir a isto, da mesma sorte que nenhuma lograria enunciar qualquer coisa sem o emprêgo de símbolos para os conceitos concretos.

Temos, assim, mais uma vez diante de nós a distinção entre os conceitos essenciais ou inevitáveis, e os que são dispensáveis. Os primeiros são universalmente expressos; os últimos são parcimoniosamente desenvolvidos em algumas línguas, e, em outras, elaborados com exuberância pasmosa.

Mas que nos impede de lançar êsses conceitos de relação, "secundários" "dispensáveis", no grupo amplo e flutuante dos conceitos derivados ou qualificativos, de que já, há pouco, tratamos? (p. 92-93)

Haverá, afinal de contas, uma diferença fundamental entre um conceito qualificativo como a negação em *unhealthy* [prefixo *un-*, como "in" do português "insalubre"] e uma relação como a de número de *books* [ou em port. "livros"]? Se *unhealthy* pode ser aproximadamente parafraseado por *not healthy* [port. "não salubre"], não será igualmente legítimo, com certa violência embora ao gênio da língua, parafrasear *books* por *several book* [ou, em português, "muito livro"]? Com efeito, há línguas em que o plural, quando chega a ser expresso, é concebido no mes-

mo espírito moderado, restrito, quase poderíamos dizer acidental, com que sentimos a negação em *unhealthy*. Para tais línguas, o conceito de número não tem a menor significação sintática, não é essencialmente tratado como expressão de uma relação, mas entra no grupo dos conceitos derivados, ou até no dos conceitos básicos. Entretanto, em inglês, como em francês, em alemão, em latim, em grego, — em tôdas as línguas enfim com que estamos familiarizados, — a idéia de número não fica apenas apenas a um dado conceito de coisa. Pode ter de certo modo êsse valor meramente qualificativo, mas a sua força estende-se muito além. Propaga-se a muitos outros pontos da sentença, modelando outros conceitos, até aquêles que não têm relação inteligível com o número, para dar-lhes formas que se dizem em correspondência ou "concordância" com o conceito básico que a ela se adaptou em primeiro lugar.

Se em inglês *a man falls* [com o *-s* da 3.ª pessoa do singular] mas — "*men fall*", não é porque tenha havido uma modificação essencial na natureza da ação, ou porque a idéia de plural inerente em "*men*" [plural de *man*, "homem"] deva, pela própria natureza das idéias, referir-se também à ação por êles realizada.

O que estamos fazendo em tais sentenças é o que a maioria das línguas, em maior ou menor grau, e de cem maneiras diversas, está no hábito de fazer, — lançando uma ponte ousada entre dois tipos de conceitos fundamentalmente distintos, o concreto e o de relação abstrata, intuindo no último, por assim dizer, a côr e a densidade do primeiro. Por uma espécie de metáfora violenta, o conceito material é obrigado a substituir-se (ou entrelaçar-se) ao estritamente relacional.

O caso ainda será mais evidente, se trouxermos à balha o gênero. Nas duas frases inglesas *The white woman that comes* e *The white men that come* nada nos diz que o gênero, tanto quanto o número, possa ser elevado a um conceito secundário de relação. Parece à primeira vista qualquer coisa de artificial e forçado fazer da masculinidade e da feminilidade, conceitos materiais crassos, e filosoficamente acidentais (como são), um meio de relacionar uma qualidade a uma pessoa ou uma pessoa a uma ação; nem nos ocorreria facilmente, se não tivéssemos estudado os clássicos, que se pudesse ir ao absurdo de inocular em dois conceitos de relação tão sutis como "*the*" e "*that*" [artigo e pronome relativo] as noções combinadas de número e sexo.

Entretanto, tudo isso, e mais ainda, acontece em latim. *Illa alba femina quae venit e illi albi homines qui veniunt*, traduzidos conceptualmente, correspondem ao seguinte: *aquê* — um — feminino — agente⁷ — um — feminino — *branco* — agente feminino — fazer — um — *mulher que* — um — feminino — agente outro⁸ — um — agora — *vir* [i. e. cada palavra latina desdobra-se num nome radical somado a conceitos de unidade, feminino, agente, atualidade, 3.ª pessoa, etc.]; e *aquê* — muito — masculino — agente muito — masculino — *branco* — agente masculino — fazer — muito — *homem que* — muito — masculino — agente outro — muito — agora — *vir* [i. e. cada palavra latina desdobra-se num nome radical somado aos conceitos de masculino, de pluralidade, agente, atualidade, 3.ª pessoa]. Cada vocábulo implica nada menos do que quatro conceitos: um conceito radical (quer concreto propriamente dito — *branco*, *homem*, *mulher*, *vir*, quer demonstrativo — *aquê*, *que*) e três conceitos relacionais tirados das categorias do caso, número, gênero, pessoa e tempo. Lógicamente, apenas o caso⁹ (relação de *mulher* ou *homem* com o verbo seguinte, de *que* com o seu antecedente, de *aquê* e *branco* com *mulher* e *homens* e de *que* com *vir*) exige imperativamente expressão, e isso apenas em conexão com os conceitos diretamente atingidos (não há, por exemplo, necessidade de informar que a brancura é uma brancura de agente)¹⁰. Dos outros conceitos relacionais alguns são

7. É um recurso grosseiro para representar o "nominativo" (subjetivo) em contraste com o "acusativo" (objetivo).

8. I. e., não eu ou tu.

9. "Caso" significa aqui não só a relação subjetiva-objetiva, mas também a de atribuição.

10. Salvo na medida em que o latim usa esse método como um circunlóquio grosseiro para estabelecer a atribuição da cor a determinada pessoa ou coisa. Com efeito, não se pode dizer diretamente em latim que uma pessoa é branca, mas apenas que o que é branco é idêntico com a pessoa que existe, pratica uma ação ou a sofre. Originariamente sentia-se em latim que *illa alba femina* significava na realidade — "aquela-pessoa, branca pessoa, (a saber), mulher", — três idéias substantivadas relacionadas entre si pela justaposição que se propõe a assinalar a identidade. O inglês e o chinês exprimem diretamente a atribuição por meio da ordem vocabular. Em latim, *illa* e *alba* podem praticamente ocupar uma posição qualquer na sentença. É importante observar que as formas subjetivas de *illa* e *alba* não definem, pois, propriamente a relação desses conceitos qualificativos com *femina*. Tal relação pode exprimir-se formalmente por intermédio de um caso atributivo, o genitivo, digamos ("mulher de brancura"). Em tibetano, emprega-se quer a ordem, quer a verdadeira relação casual: "mulher branca", ou "branco-de-mulher".

meramente parasitos (o gênero em tôdas as circunstâncias; o número no demonstrativo, no adjetivo, no relativo e no verbo), outros são sem importância para a forma sintática essencial da sentença (número no nome; pessoa; tempo).

Um chinês inteligente e sutil, habituado como está a ir diretamente ao âmago da forma lingüística, exclamará diante da sentença latina: "Quanta criação pedantesca!" — Ser-lhe-á difícil, defrontando pela primeira vez as complexidades ilógicas das nossas línguas européias, sentir-se à vontade numa atitude que de tal modo confunde o assunto da linguagem com o seu padrão formal, ou, para exprimirmo-nos com mais exatidão, que aplica certos conceitos fundamentalmente concretos a usos de tão atenuada relação.

Exagerei algum tanto o que há de concreto no aspecto subsidiário, ou melhor, não-sintático, dos nossos conceitos de relação, para que se depreendessem os fatos essenciais com apreciável relêvo.

Inútil é dizer que um francês não tem no cérebro uma nítida noção de sexo quando fala de *un arbre* (em inglês *a* — masculino *tree*) ou de *une pomme* (*a* — feminino *apple*). Nem temos nós outros ingleses, digam o que disserem os gramáticos, uma impressão muito viva do tempo presente; em contraste com todo o passado e todo o futuro, quando dizemos *He comes* [cf. em português, "êle chega"]¹¹. É o que se vê claramente com o uso do presente para indicar não só o futuro (*He comes to-morrow*) [em português, "êle chega amanhã"] mas também a atividade geral dissociada da especificação do tempo (*Whenever he comes, I am glad to see him*) [ou, em português — "Sempre que êle chega, alegro-me de vê-lo"] onde o verbo se refere mais a ocorrências passadas e possivelmente futuras, do que à atividade presente.

Tanto em francês como em inglês, nos exemplos dados, as idéias primordiais de sexo e tempo diluíram-se, portanto, em virtude da analogia formal e das extensões de sua aplicação ao âmbito das relações gramaticais, ficando tão vagamente definidos os conceitos ostensivamente indicados que é mais pela tiranía do uso do que pelas necessidades da expressão concreta que se nos impõe a seleção desta ou daquela forma. Se esse processo de esgarçamento conceptual continuar a fazer-se, pode-

11. A parte, naturalmente, da vida e das emergências que um contexto particular cria para tal sentença.

remos acabar por ter nas mãos um sistema de formas, donde se terá esvaído tôda a côr de vida e que apenas persistirá por inércia, duplicando-se-lhes as funções sintáticas secundárias com prodigalidade sem fim.

Dai, em parte, os complexos sistemas de conjugação de tantas línguas, nos quais diferenças de forma não se fazem acompanhar de consignáveis diferenças de função.

Deve ter havido uma época, por exemplo, embora anterior à mais antiga evidência documental, em que o tipo de formação temporal representado por *drove* ou *sank* [pretéritos com apofonia de *to drive*, "guiar", e *to sink*, "mergulhar"] diferia pelo sentido, num grau levemente cambiante que fôsse, do tipo (*killed*, *worked*) [com o sufixo — *ed*], que se firmou em inglês como a maneira predominante de formação do pretérito; da mesma sorte que hoje ainda reconhecemos uma distinção apreciável entre êsses dois pretéritos, de um lado, e, de outro lado, o "perfeito" (*has driven*, *has killed*) [formas compostas com o auxiliar *have*, "ter"], distinção que, por sua vez, poderá ter cessado numa determinada fase vindoura da língua¹².

A forma sobrevive ao seu conteúdo conceptual. Uma e outro alteram-se sem cessar; mas, de maneira geral, a forma tende a subsistir depois de o espírito se ter esvaído ou mudado de corpo. Forma irracional, forma por amor à forma — seja qual fôr o nome que se dê a esta tendência lingüística de insistir em distinções formais pela simples razão de que já estão constituídas — é tão natural na vida da linguagem, como é, na vida social, a persistência de modos de conduta que perderam há muito a sua razão de ser.

Há outra tendência poderosa para favorecer uma elaboração formal que já não corresponde estritamente a nítidas diferenças conceptuais. É a tendência a construir esquemas de classificação que enquadrem à fôrça todos os conceitos lingüísticos.

Uma vez convencidos de que tôdas as coisas são de maneira definida ou boas, ou más, ou brancas, ou pretas, é difícil aceitarmos a atitude mental que reconhece que cada coisa, de per si, pode ser a um tempo boa e má (ou, em outros termos, indiferente), ou a um tempo preta e

12. Foi o que em grande parte sucedeu em alemão e francês popular, onde a diferença é mais estilística do que funcional. Os pretéritos são mais literários ou formalísticos do que os perfeitos.

branca (ou, em outros termos, parda); e ainda mais difícil é confor-marmo-nos a admitir que as categorias do bom e do mau, ou do preto e do branco, possam em certos casos ser inaplicáveis.

A linguagem, a muitos respeitos, é também caprichosa e renitente em referência a suas classificações. Faz questão de ter lugares marcados para tudo, e não tolera que nada fique de fora. Qualquer conceito em demanda de expressão tem de submeter-se às regras classificatórias do jôgo, à maneira dêsses inqueritos estatísticos em que o mais convieto ateu tem de figurar como católico, protestante ou judeu para ser levado em consideração.

Em inglês partimos sempre da idéia de que tôda ação tem de ser concebida em referência aos três tempos padrões. Se, portanto, desejamos enunciar uma proposição verdadeira para amanhã e para hoje, da-mos de barato que o presente pode ser prolongado e às vêzes de tal maneira que abranja a eternidade¹³. Em francês, sabemos uma vez por tôdas que todo ser é masculino ou feminino, seja animal ou coisa; da mesma sorte que, em muitas línguas da América e da Ásia Oriental, todos os seres pertencem por princípio a certa categoria formal (por exemplo, em forma de anel, de bola, longo e delgado, cilíndrico, em forma de lençol, em massa como açúcar) e como tais são enunciados (e. g. duas batatas da classe das bolas, três tapêtes da classe dos lençóis) ou, até, como tais "existem" e são "manuseados em qualquer sentido" (assim, nas línguas athabáskan e em yana, "carregar" ou "jogar" uma pedra é coisa muito diversa do que carregar ou jogar um toro, tanto no âmbito lingüístico quanto no da nossa experiência muscular).

Exemplos dêsses podem ser multiplicados à vontade.

Dir-se-ia que, em certo período do passado, o espírito inconsciente da raça fez insofriadamente um inventário da sua experiência, se jungiu a uma classificação prematura mas inapelável, e arreou os herdeiros da língua com uma ciência que êles já não aceitam mas não têm a fôrça de destruir. Todo dogma, rigidamente prescrito pela tradição, retesa-se

13. Dai, *the square root* ["a raiz quadrada"] of 4 is 2, justamente como *my uncle* ["meu tio"] is here ["aqui"] now ["agora"]. [Em port. diríamos no 2.º caso "está" e não "é", por uma questão idiomática]. Há muitas línguas primitivas que são mais filosóficas e distinguem um "presente" real e uma forma "habitual" ou "geral".

em formalismo. As categorias lingüísticas constituem um sistema de dogmas remanescentes — os dogmas do Inconsciente. Como conceitos, são, muitas vezes, apenas semi-reais; a sua vida tende a deperecer no sentido da forma por amor à forma.

Há ainda uma terceira causa para explicar a forma que não tem significação, ou, antes, as diferenças de forma que não têm significação.

É o trabalho mecânico dos processos fonéticos que pode determinar distinções formais onde não há, e nunca houve, distinções funcionais. Muitas das irregularidades e complexidades formais dos nossos sistemas de declinação e conjugação são devidas a êsse processo.

O plural de *hat* é *hats*, o plural de *self* é *selves*. No primeiro caso, temos um simples legítimo -s a simbolizar o plural; no segundo caso, temos um *z* combinado com uma mudança, no radical, de *f* para *v*. Não temos, portanto, aqui o caso de uma convergência de formas que originariamente exprimiam conceitos nitidamente distintos, — como vimos que deve ter sucedido com as formas paralelas *drove* e *worked* —, mas um desdobramento meramente mecânico do mesmo elemento formal sem o correspondente desenvolvimento de um novo conceito.

Esse tipo de evolução das formas, por conseguinte, sendo embora de máximo interesse para a história geral da língua, está à margem do nosso escopo atual, qual o de compreender a natureza dos conceitos gramaticais e a sua tendência em degenerar em fichas puramente formais.

Estamos agora em condições de rever a nossa primeira classificação dos conceitos totais como se exprimem na linguagem e sugerir o esquema seguinte:

I. *Conceitos (concretos) fundamentais* (tais como objetos, ações, qualidades): normalmente expressos por vocábulos independentes ou elementos radicais; não implicam, como tais, relações¹⁴.

II. *Conceitos de derivação* (menos concretos, em regra, do que os do n.º I e mais do que os do n.º III): normalmente expressos pela afixação de elementos não-radicaes aos elementos radicais ou por uma modifi-

14. Exceto, bem entendido, a seleção e o contraste fundamental, necessariamente pressuposto quando se define um conceito pela sua oposição a outros. "Homem" e "branco" possuem uma relação inerente com "mulher" e "prêto", mas é uma relação de conteúdo material apenas, sem interesse direto para a gramática.

cação interna destes últimos; diferem do tipo I porque definem idéias que não interessam ao pensamento de conjunto da proposição, mas dão ao radical um incremento especial de significação e se acham inerentemente associados de modo específico com os conceitos do tipo I¹⁵.

III. *Conceitos concretos de relação* (ainda mais abstratos; contudo, não inteiramente desprovidos de qualquer coisa de concreto): normalmente expressos por afixação de elementos não-radicaes aos radicais, mas geralmente mais afastados destes últimos do que sucede com os elementos do tipo II, ou por modificação interna dos radicais; diferem fundamentalmente do tipo II, porque indicam ou implicam relações que transcendem do vocábulo particular a que estão imediatamente ligados, assim servindo de passagem para os seguintes:

IV. *Conceitos puros de relação* (puramente abstratos): normalmente expressos pela afixação de elementos não-radicaes aos radicais (em cujas circunstâncias tais conceitos se apresentam freqüentemente entrelaçados com os do tipo III), ou por modificação interna, por vocábulos independentes, por posição; destinam-se a relacionar entre si os elementos concretos da proposição, dando-lhe forma sintática definida.

A natureza dessas quatro classes de conceitos, no que se refere ao seu valor concreto ou à sua faculdade de exprimir relações sintáticas, pode simbolizar-se da seguinte maneira:

Conteúdo Material	{	I. Conceitos Fundamentais.
		II. Conceitos de Derivação.
Relação	{	III. Conceitos Concretos de Relação.
		IV. Conceitos Puros de Relação.

Não convém respeitar êsses esquemas como a fetiches. Ao fazer uma análise surgem freqüentemente problemas difíceis e pode acontecer que se hesite na maneira de agrupar um dado conjunto de conceitos. É especial-

15. Assim o -er de *farmer* [ou "dor" de "lavrador"] pode definir-se como indicando êsse conceito substantivo particular (objeto ou coisa) que serve de sujeito habitual ao verbo a que está afixado. A relação de "sujeito" (um lavrador lava) é inerente e específica ao vocabulário, mas não existe para o conjunto da sentença. Da mesma sorte, o -ing de *duckling* [ou "inho" de "patinho"] define uma relação específica de atribuição que só diz respeito ao radical da palavra, não à sentença.

mente o que sói verificar-se com línguas exóticas, onde podemos ter, embora, toda a segurança na nossa análise das palavras de uma sentença e, contudo, não lograr adquirir êsse "sentimento" íntimo da estrutura que nos permite dizer infalivelmente aquilo que é "conteúdo material" e que é "relação".

Os conceitos da classe I são essenciais a qualquer língua, e bem assim os da classe IV. Os conceitos II e III são comuns mas não essenciais; especialmente o grupo III, que representa, com efeito, uma confusão psicológica e formal dos tipos II e IV ou dos tipos I e IV, é uma classe dispensável de conceitos. Logicamente, há um abismo intransponível entre os n.ºs I e IV, mas o gênio ilógico, metafórico da linguagem já tem sem esforço coberto êsse abismo e estabelecido uma gama contínua de conceitos e formas, que nos conduz imperceptivelmente das materialidades mais cruas ("casa" ou "João Smith") às relações mais sutis.

É particularmente digno de nota que a palavra independente inanalizável pertence na maioria dos casos ao grupo I ou ao grupo IV, e muito menos a miúdo aos grupos II e III.

É possível a um conceito concreto, representado por um vocábulo simples, perder inteiramente a sua significação material e passar diretamente ao âmbito relacional sem perder concomitantemente a sua independência vocabular. É o que sucede, por exemplo, em chinês e cambodjiano quando o verbo "dar" é usado em sentido abstrato como simples símbolo da relação "objetiva indireta" (e. g., cambodjiano "Nós fizemos história esta dar toda aquela pessoa que tem filho", i. e., "Fizemos esta história para todos os que têm filhos").

Há também, é claro, não poucos casos de transição entre os grupos I e II e III, bem como, já um tanto fora do âmbito dos radicais, entre os grupos II e III.

Ao primeiro dêsses tipos de transição pertence toda a classe de exemplos em que o vocábulo independente, depois de passar pela fase preliminar em que funciona como elemento secundário ou qualificativo de um composto, acaba por tornar-se um afixo de derivação puro e simples, sem contudo perder a memória de sua antiga independência. Tal elemento e conceito é *full* de *teaspoonfull* [i. e., *tea*, "chá", *spoon*, "colher", *full*, "cheia"; "colherada" ou, "colher cheia de chá"], que psicologicamente flutua entre o estado de conceito radical independente (com-

parar *full*, adjetivo) ou de elemento subsidiário de um composto (cf. *brim-full*) [*brim*, "borda"] e o de simples sufixo (cf. *dutiful*) em que já não se sente o seu antigo caráter concreto. [No último exemplo — *ful* é apenas um sufixo que deriva um adjetivo do substantivo *duty*, "dever".]

Em geral, quanto mais altamente sintético fôr o tipo lingüístico considerado, mais difícil, e até arbitrário, será distinguir os grupos I e II.

Não apenas se perde gradualmente a noção do concreto à medida que se vai do grupo I ao IV; mas também esbate-se, em redução constante, o sentimento da realidade sensível dentro dos próprios grupos dos conceitos lingüísticos. Em muitas línguas, por isso, torna-se quase inevitável fazer várias subclassificações para segregar, por exemplo, os conceitos mais concretos dos mais abstratos no grupo II. Devemos, contudo, ter sempre a preocupação de não incluir em tais grupos mais abstratos esse sentimento de relação, puramente formal, que mal podemos deixar de associar com alguns dos conceitos mais abstratos que, entre nós, ficam no grupo III, a menos que haja indiscutível evidência a garantir tal inclusão.

Um ou dois exemplos esclarecerão essas importantíssimas ressalvas¹⁶.

Em nutka, temos uma porção desusadamente grande de afixos de derivação (que exprimem conceitos do grupo II). Alguns são de conteúdo quase material (e. g., "na casa", "sonhar a respeito de"), outros, como o elemento que indica a pluralidade ou um afixo diminutivo, são muito mais abstratos no conteúdo. Aquêles soldam-se mais intimamente ao radical do que êstes, que só se podem sufixar a formações que já tenham o valor de vocábulos completos.

Se, portanto, apraz-me dizer — "os luzinhos da casa" — o que posso fazer numa só palavra —, tenho de formar a palavra "lume-em-casa", e aos seus elementos é que serão apensos os outros correspondentes ao nosso — "zinho", ao plural e ao artigo. O elemento que estabelece o sentido definido da referência, pressuposto no nosso artigo, vem no fim de tudo.

16. É precisamente porque deixam de sentir o "valor" ou "tonalidade", distinta da significação externa, em referência a um conceito expresso por determinado elemento gramatical, que muitos estudantes de línguas estrangeiras são levados a uma idéia falsa sobre línguas de natureza completamente diversa da língua pátria. Nem tudo que se intitula "tempo", ou "modo", ou "número", ou "gênero", ou "pessoa" é genuinamente comparável ao que significam êsses termos em latim ou francês.

Até aí, vai-se bem. "Fogo-em-casa-o" corresponde de maneira inteligível ao inglês *the house-fire* [com a anteposição de *house*, "casa", a *fire*, "lume", para constituir um composto em que "house" tem função adjuntiva]¹⁷.

Mas com a noção diminutiva será o nutka correspondente ao inglês — *the house-firelets?*¹⁸ Absolutamente não.

Antes de tudo, o elemento plural precede o diminutivo em nutka: "lume-em-casa-plural-pequeno-o", ou, em outros termos, "casa-lumes-zinho", o que logo revela o importante fato que o conceito do plural não é sentido tão abstrata e relacionalmente como em inglês. Interpretação mais adequada seria *the house-fire-several-let* [cf. em port. "casa-lume-muito-zinho"] em que, entretanto, *several* ainda é palavra muito forte, *-let* um elemento muito requintado (*small*, [port. "pequeno"] por outro lado, seria muito forte)¹⁹.

Na realidade, não conseguimos trazer para nossa língua o valor inerente do vocábulo nutka, que parece flutuar entre "*the house-firelets*" e "*the house-fire-several-small*".

O que, porém, mais que tudo, impede qualquer possibilidade de comparação entre o *-s* inglês de *house-firelets* [ou do port. *lumezinhos*] e o *several-small* do vocábulo nutka, é o seguinte: em nutka, nem o plural nem o afixo diminutivo correspondem ou se referem a outras partes da sentença. Em inglês, *the house-firelets* "burn", e não "burns" [como em port. "ardem" e não, "arde"]; em nutka, verbo, adjetivo, ou qualquer outro elemento da sentença nada tem que ver com o caráter plural ou diminutivo do lume. Por isso, embora o nutka reconheça uma demarcação entre conceitos concretos e menos concretos no grupo II, os menos concretos não transcendem do grupo conduzindo-nos à atmosfera mais abstrata a que nos transporta o nosso *-s* do plural.

17. Artigos sufixados também ocorrem em dinamarquês e suco, e muitas outras línguas. O elemento nutka para "em casa" difere do nosso "casa", porque é sufixado e não aparece como vocábulo independente; nem tem qualquer afinidade com o vocábulo nutka que quer dizer "casa".

18. Admitindo-se a existência, em inglês, de *firelet*.

19. [Já, em português, "-zinho" seria mais natural, porquanto, ao contrário do inglês, usamos normalmente sufixos diminutivos.]

Mas com tudo isso, objetará o leitor, já é alguma coisa que o afixo de plural nutka se coloque à parte dos afixos mais concretos; e acrescentando que talvez o diminutivo nutka tenha um conteúdo mais esgarçado e fugidio do que o inglês *-let* ou *-ling* ou o alemão *-chen* ou *-lein*²⁰.

Pôsto isto, será que um conceito como o da pluralidade poderá jamais ser classificado entre os conceitos mais materiais do grupo II?

Sem dúvida que pode.

Em yana, a terceira pessoa do verbo não faz distinção entre o singular e o plural. Não obstante, o conceito do plural pode ser expresso, e quase sempre o é, pela sufixação de um elemento (*-ba*) ao radical do verbo. *It burns in the east* [*east*, "leste"] traduz-se pelo verbo *ya-hau-si*²¹, "*burn-east-s*" [i. e., o radical verbal + leste + a desinência da 3.ª pessoa]. "*They burn in the east*" [sujeito pl. *they*, "êles"] é *ya-ba-hau-si*. Note-se que o afixo do plural imediatamente se segue ao radical (*ya-*), disjungindo-o do elemento locativo (*-hau-*).

Não é necessário grande gasto de argumentação para se provar que o conceito de pluralidade é aqui pouco menos concreto que o de lugar onde, "a leste", e que a forma yana é sentida não tanto à maneira do nosso "*They burn in the east*" (*ardunt oriente*) como à de "*Burn-several-east-s*", "uma coisa pluralmente arde a leste", frase que não conseguimos satisfatoriamente assimilar por falta de canais de expressão apropriados onde ela em nossa língua possa insinuar-se.

Será possível darmos um passo adiante e tratar a categoria de pluralidade como idéia estritamente material, tal que fizesse de "livros" um "plural livro", como o "branco" de "livro branco" que calha francamente no grupo I?

Não é evidentemente o caso das nossas locuções "muitos livros", "vários livros". Ainda que disséssemos *many book* ["muito livro"], e "vário livro" (como dizemos "*many a book*" e "cada livro"), o conceito do plural não emergiria tão claramente como no novo caso que imaginamos; "muito" e

20. O diminutivo nutka tem, sem dúvida, um alcance sentimental muito maior que o inglês *-ling*. Evidencia-o o seu uso com verbos tanto quanto com nomes. Falando a uma criança, adicionamos quase sempre o diminutivo a toda palavra da sentença sem nos preocuparmos com verificar se a palavra tem ou não um sentido diminutivo inerente.

21. *-si* é a 3.ª pes. do tempo presente; *-hau*, "leste", é um afixo, não um radical de composição.

"vário" estão contaminados por certas noções de quantidade gradativa que não são essenciais à simples idéia da pluralidade.

Temos de voltar-nos para a Ásia Central e Oriental em busca do tipo de expressão que procuramos.

Em tibetano, por exemplo, *nga-s mi mthong*²², ou "por homem vejo, por mim um homem é visto, vejo um homem" pode igualmente significar "vejo homens", desde que não haja motivo especial para frisar melhor a pluralidade²³. Se esta, porém, merece menção especial, é-me lícito dizer *nga-s mi rnam mthong*, "por mim homem-plural é visto", onde *rnam* é a correspondência conceptual perfeita do -s de "livros", despojado de quaisquer elos de relação. *Rnam* segue-se ao nome, como outro qualquer vocábulo atributivo — "homem plural" (dois ou um milhão) à maneira de "homem branco". Não é preciso preocuparmo-nos com a pluralidade ou a brancura do ser expresso, desde que não nos interessa insistir em tal atributo.

O que é verdade da idéia de pluralidade, é igualmente verdade de um grande número de outros conceitos. Não pertencem necessariamente aos pontos em que nós outros que falamos inglês, estamos habituados a escaloná-los. Podem ser jogados para o grupo I ou para o grupo IV, os dois pólos da expressão lingüística.

E não nos aventuremos a fazer pouco do índio nutka e do tibetano por causa da sua atitude material em referência a conceitos que nos parecem de relação abstrata, porque estaremos chamando sobre nós a censura dos franceses, os quais sentem uma sutileza de relação em *femme blanche* e *homme blanc* que não encontram nas grosseiras frases inglesas *white woman* e *white man*. O negro bântu, por sua vez, se fôsse filósofo, iria além, e estranharia ver-nos, a todos, pôr no grupo II uma categoria, a dos diminutivos, que êle iniludivelmente sente pertencer ao grupo III e de que se serve, juntamente com outros conceitos classificatórios²⁴, para relacionar sujeito e objeto, atributo e predicado, tal qual lidam um russo ou um alemão com os seus três gêneros, ou, quiçá, com mais alta finura do que êstes até.

22. São formas clássicas, não da linguagem coloquial moderna.

23. Da mesma sorte que entre nós — "êle tem escrito livros" nada adianta em referência à quantidade ("poucos, vários, muitos").

24. Tais como classe pessoal, classe animal, classe de instrumentos, classe aumentativa.

É justamente porque o nosso esquema dos conceitos é uma escala inclinada, mais do que pròpriamente uma análise filosófica da experiência, que não podemos dizer uma vez por tôdas a posição de um dado conceito.

Em outros termos, temos de desistir de uma classificação bem ordenada das categorias.

Que interessa colocar o tempo e o modo aqui, ou o número ali, se outra língua que logo se nos depara leva o tempo para um escaninho abaixo (grupo I) e o modo e o número para um escaninho acima (grupo IV)?

Nem há maior vantagem num sumário dêsses no que tange ao inventário geral dos grupos de conceitos pertencentes aos grupos II, III e IV. As possibilidades são inúmeras.

Seria interessante mostrar quais os elementos mais típicos de formação nominal e verbal do grupo II; como varia a classificação dos nomes (pelo gênero — pessoais e impessoais, animados e inanimados; pela forma — comuns e próprios); como se elabora o conceito do número (singular e plural; singular, dual e plural; singular, dual, trial e plural; singular, distributivo e coletivo); que distinções de tempo se pode fazer no verbo e no nome (o "passado", por exemplo, pode ser indefinido, imediato, remoto, mítico, perfeito, anterior); com que delicadeza certas línguas desenvolveram a idéia de aspecto²⁵ (momentâneo, durativo, continuado, inceptivo, cessativo, durativo-inceptivo, iterativo, momentâneo-iterativo; durativo-iterativo, resultativo e outros ainda); que modalidades se podem admitir (indicativo, imperativo, potencial, dubitativo,

25. Termo tirado da gramática eslava. Indica o lapso da ação, a sua natureza no que respeita a continuidade. O nosso *cry* ["gritar" ou "chorar"] é de aspecto indefinido, *be crying* ["estar gritando" ou "chorando"] é durativo, *cry out* ["dar um grito"] é momentâneo, *burst into tears* ["desfazer-se em lágrimas"] é inceptivo, *keep crying* ["ficar gritando, ou chorando"] é continuado, *start in crying* ["pôr-se a gritar, ou chorar"] é durativo-inceptivo, *cry now and again* ["gritar a cada instante", ou "chorar"] é iterativo, *cry out every now and then* ["dar um grito a cada instante"] ou *cry in fits and starts* ["ter acessos de choro"] é momentâneo-iterativo. *To put on a coat* ("vestir um casaco") é momentâneo, *to wear a coat* ["estar de casaco"] é resultativo. Como mostram os nossos exemplos, o aspecto é expresso em inglês [e português] por toda sorte de construções idiomáticas em vez de alcançar formal do que o tempo, com que o estudante ingênuo tende a confundir-lo.

optativo, negativo e uma legião de outras mais)²⁶; que distinções de pessoa são possíveis (“nós”, por exemplo, concebido como o plural de “eu”, ou tão distinto de “eu” como de “vós” e de “êle”? — ambas as atitudes transparecem nas línguas, — além disso, quando é que “nós” inclui a pessoa com que eu falo ou a exclui? — formas “inclusiva” e “exclusiva”); qual é o plano geral de orientação, nas chamadas categorias demonstrativas (“êste” e “aquêle” numa infundável procissão de variantes)²⁷; quão a miúdo a forma lingüística exprime a fonte e a natureza de informação em que se fundamenta a pessoa que fala (por experiência própria, por ouvir dizer²⁸, por interferência); como se exprimem no nome as relações sintáticas (subjeto e objetivo; agentivo, instrumental e de pessoa interessada²⁹; vários tipos de genitivo e relações indiretas); e correspondentemente no verbo (ativo e passivo; ativo e estático; transitivo e intransitivo; impessoal, reflexivo, recíproco, indefinido quanto ao objeto, além de muitas outras limitações especiais no ponto de partida e de chegada da cadeia geral de atividades).

Tais detalhes, por mais importantes que sejam muitos deles para a compreensão da forma interna da linguagem, cedem o passo, em seu

26. Por “modalidades” não entendo a caracterização verbal considerada em si mesma como a negação ou a dúvida, senão a sua manifestação em termos formais. Há línguas, por exemplo, que têm um sistema elaborado de formas verbais negativas, à maneira do que há em grego para o optativo ou modalidade do desejo.

27. Comparar com pág. 97.

28. É por causa dessa classificação da experiência que em muitas línguas as formas verbais que são próprias, digamos, para a narração mítica, diferem das que se usam habitualmente no intercâmbio diário. Nós outros deixamos que isso ressalte do próprio contexto ou apelamos para um modo de expressão mais explícito e cabal, e. g.: “Morreu, ao que me consta”, — “Dizem que morreu”, — “Deve estar morto, ao que parece”.

29. Dizemos — “Durmo”, como — “Vou” ou “Mato-o” (1.ª pessoa) mas — “êle mata-me”. Entretanto, *me* no último exemplo, está pelo menos tão psicologicamente próximo de *eu* em “eu durmo”, quanto este último do *eu* em “eu o mato”. É só pela forma que podemos classificar a noção de 1.ª pessoa em “durmo”, como de sujeito ativo. A rigor, estou dominado por forças fora de minha alçada tanto quando durmo como quando alguém me mata. Muitas línguas diferenciam claramente o sujeito ativo e o sujeito estático (“vou” e “mato-o” distinto de “durmo”, “sou bom”, “sou morto”) ou, ainda, o sujeito transitivo e o intransitivo (“mato-o” distinto de “durmo”, “sou bom”, “sou morto”, “vou”). O sujeito intransitivo ou o estático podem ou não ter forma idêntica à do objeto do verbo transitivo.

valor geral, às distinções mais radicais dos grupos que estabelecemos. Ao leitor comum basta sentir que a língua oscila entre dois pólos de expressão lingüística — conteúdo material e relação — e que êsses pólos tendem a ligar-se por meio de uma longa série de conceitos de transição.

Tratando dos vocábulos e das suas várias formas, muito tivemos que antecipar a respeito da sentença em conjunto.

Tôda língua tem seu método ou métodos especiais para reunir os vocábulos numa unidade maior. A importância dêsses métodos é suscetível de variar de acôrdo com a complexidade do vocábulo isolado.

No latim, *agit* (“êle) procede” não precisa de auxílio externo para rirrar a sua posição na frase. Quer eu diga *agit dominus* “o amo procede”, ou em *sic femina agit* “assim procede a mulher” praticamente é o mesmo o resultado líquido quanto ao valor sintático de *agit*. Só pode ser um verbo, predicado de uma proposição, e só pode ser concebido como enunciação de uma atividade executada por uma pessoa (ou coisa) que não por mim ou por ti. Já não sucede o mesmo com um vocábulo como o inglês *act*. *Act* bóia sem govêrno na sintaxe, enquanto não definimos a sua situação na proposição — uma coisa em “*they act abominably*” [“procedem abominavelmente”] e outra muito diversa em *that was a kindly act* [“isso foi um procedimento gentil”]. A sentença latina fala-nos através da segurança individual de seus membros; o vocábulo inglês necessita o auxílio imediato dos seus companheiros. Isso de maneira aproximada, bem entendido.

Dizer, contudo, que uma estrutura vocabular suficientemente elaborada compensa a falta de métodos sintáticos externos é estabelecer uma perigosa petição de princípio. Os elementos do vocábulo ligam-se entre si de maneira específica e se seguem em seqüência rigorosamente determinada. Tanto vale dizer que um vocábulo, constante de outros elementos além do radical, é a cristalização de uma sentença, ou de parte de uma sentença, que uma forma como *agit* é aproximadamente o equivalente psicológico³⁰ de uma forma como *age is* “procede êle”.

30. Em última análise, também o equivalente histórico, — digamos, *age to* “procede êsse (uma pessoa)”. [Isto é, o *t* final representa um antigo demonstrativo que servia de sujeito posposto à forma verbal.]

Derrubando, pois, a parede divisória entre vocábulo e sentença, cabe-nos inquirir: Quais são, em última análise, os métodos fundamentais para ligar um vocábulo a outro, um elemento vocabular a outro, ou, em resumo, para passar das noções isoladas, simbolizadas num vocábulo ou num elemento vocabular, à proposição unificada que corresponde a um pensamento?

A resposta é simples e já está pressuposta nas considerações precedentes.

O método de relação mais fundamental e poderoso é o da ordem vocabular. Pensemos numa idéia mais ou menos concreta, a côr digamos, estabelecendo o seu símbolo — “vermelho”; noutra idéia concreta, pessoa ou objeto, estabelecendo por sua vez o seu símbolo — “cão”; finalmente, numa terceira idéia concreta, uma ação digamos, estabelecendo pela última vez o seu símbolo — “corr(er)”. Mal é possível estabelecer sucessivamente êsses três símbolos, sem relacioná-los de qualquer modo, por exemplo — “(o) cão vermelho corr(e)”. Longe de mim querer dizer com isso que a proposição surgiu sempre dessa maneira analítica, mas tão somente que o próprio processo de justaposição de um conceito a outro, de um símbolo a outro, impõe-nos certo “sentimento” de relação, quando mais não seja.

A algumas adesões sintáticas somos especialmente sensíveis, como sejam por exemplo, a relação atributiva de qualidade (cão vermelho), ou a relação subjetiva (cão corre), ou a relação objetiva (mata cão); a outras somos mais indiferentes, como seja, por exemplo, a relação atributiva de circunstância (“hoje cão vermelho corre” ou “cão vermelho hoje corre”, ou “cão vermelho corre hoje”, tôdas as quais são equivalentes de proposição ou proposições em embrião).

Os vocábulos e os elementos vocabulares, portanto, tendem não só a estabelecer uma espécie de relação entre si, mas também são atraídos uns para os outros com maior ou menor intensidade. É esta maior ou menor intensidade, presumivelmente, que dá em resultado afinal os grupos de elementos firmemente soldados (radical ou radicais mais um ou vários elementos gramaticais), por nós estudados sob a designação de vocábulos complexos. Segundo toda a probabilidade, nada mais são tais vocábulos do que seqüências que se juntaram e se destacaram de outras seqüências ou elementos isolados, no desdobramento da fala. Enquanto têm vida plena, em outros termos, enquanto têm todo o seu valor fun-

cional, conseguem manter-se a certa distância psicológica dos elementos contíguos. A medida que perdem grande parte da sua vitalidade, recaem nas garras da sentença em conjunto, e a seqüência dos vocábulos independentes readquire a importância que em parte transferira para os grupos cristalizados de elementos.

A linguagem está assim constantemente enlaçando e desenlaçando as suas seqüências. Nas formas altamente integradas (latim, esquimó) a “energia” da seqüência fica em grande parte encerrada nas formações vocabulares complexas, transformando-se numa espécie de energia potencial que, durante milênios até, não se libertará. Nas formas mais analíticas (chinês, inglês), essa energia é móvel, pronta para qualquer serviço que lhe solicitarmos.

Não pode haver grande dúvida que a acentuação tem freqüentemente assumido uma influência diretriz na formação de grupos de elementos ou vocábulos complexos saídos de certas seqüências na sentença. Uma palavra inglesa como *withstand* [ou como em português “contrapor”] é apenas a velha seqüência *with stand*, i. e., *against* [port. “contra”] *stand*³¹, em que o advérbio não acentuado foi continuamente amarrando-se ao verbo seguinte e perdeu a sua independência como elemento significativo. Do mesmo modo, os futuros franceses do tipo de *irai* são meros resultantes da coalescência de vocábulos a princípio independentes: *ir ai*, “ir hei”³², sob a influência do acento unificador.

Mas a acentuação tem feito mais do que articular ou unificar seqüências que já por si pressupõem uma relação sintática. É também o meio mais natural de que dispomos, para salientar um contraste lingüístico, para indicar o elemento máximo de uma seqüência.

Por isso, não nos deve surpreender verificar que o acento, tanto quanto a seqüência, pode servir, por si só, de símbolo de certas relações.

Um contraste como *go between* (*one who goes between*) e *to go between* pode ser de origem completamente secundária em inglês, mas há razão de sobra para admitir que distinções análogas prevaleceram

31. Para *with* no sentido de “contra”, comparar o alemão *wider*, contra.

32. Comparar em latim *ire*, “ir”; e também a locução inglesa *I have to go*, i. e., *must go* [“sou obrigado a ir”]. [Em português há igualmente expressões de futuro obrigatório e volitivo que lembram a construção originária de *irai*, em francês, ou “irei”, em português: são os compostos do tipo “tenho de ir”, “hei de ir”.]

em todos os tempos na história lingüística. Uma seqüência como *see'man* ["ver" e "homem"] pode implicar algum tipo de relação em que *see* qualifica a palavra seguinte, donde *a seeing man* ou *a seen* (ou *visible man*, ou é a sua predicação, donde *the man sees* ou *the man is seen*, ao passo que uma seqüência como *see man'* pode indicar que a palavra acentuada até certo ponto limita a aplicação da primeira, como objeto direto — digamos, donde *to see a man* ou *(he) sees the man*. Tais alternâncias de relação, simbolizadas por acentuações variáveis, são importantes e freqüentes em certo número de línguas³³.

É especulação algum tanto arriscada, e contudo admissível, ver na ordem vocabular e na acentuação os métodos primordiais para a expressão de tôdas as relações sintáticas e encarar o atual valor relacional dos elementos e vocábulos específicos como uma situação secundária devida a uma transferência de valores.

Assim, podemos aventar que o *-m* latino de vocábulos como *feminam*, *dominum* e *civem* não denotavam originariamente³⁴ que "mulher", "amo" e "cidadão" estavam objetivamente relacionados ao verbo da proposição, mas indicavam qualquer coisa de muito mais concreto³⁵, estando a relação objetiva meramente implicada pela posição ou acentuação do vocábulo (elemento radical) imediatamente anterior ao *-m*, e que essa consoante gradualmente, à medida que se esvaía o seu valor mais concreto, chamou a si uma função sintática que não lhe pertencia.

Essa espécie de evolução por transferência é perceptível em muitos casos. Assim o *of* de uma frase inglesa como *the law of the land* ["a lei do país"] tem hoje um conteúdo incolor, índice que é, tão puramente relacional como o sufixo de genitivo *-is* do latim *lex urbis*, "a lei da cidade". Sabemos, não obstante, que era a princípio um advérbio de valor concreto considerável³⁶, indicativo de separação, afastamento, e que a relação sintática era a princípio expressa pela forma casual do se-

33. Em chinês tanto quanto em inglês.

34. Por "originariamente" entendo, é claro, uma época anterior ao mais antigo período das línguas indo-européias a que nos leva a evidência comparativa.

35. Talvez fôsse um classificador qualquer nominal.

36. Comparar com o seu paralelo histórico, muito chegado, *off* [advérbio equivalente ao port. "fora", "para fora"].

gundo nome³⁷. Perdendo esta última a sua vitalidade, o advérbio chamou-lhe a função a si.

Se temos real motivo para admitir que a expressão de tôdas as relações sintáticas ascende inevitavelmente a êsses dois aspectos dinâmicos da evolução — a ordem e a acentuação³⁸ — resulta uma tese interessante: — Todo o conteúdo da linguagem, com seus grupos vocálicos e consonânticos, limitava-se na origem à interpretação do concreto; as relações não eram expressas a princípio na forma externa, mas apenas pressupostas e articuladas com o auxílio da ordem e do ritmo. Em outros termos, as relações eram sentidas por intuição e apenas "extravavam-se" através de fatores dinâmicos, que por sua vez se moviam no plano da intuição.

Há um método especial de exprimir relações, tão freqüente na história das línguas que exige a nossa atenção por um momento. É o método da "concordância" ou de assinalação repetida.

Assenta no princípio da palavra de passe ou do rótulo. Tôdas as pessoas ou objetos que respondem à mesma senha ou trazem a mesma marca, ficam conseqüentemente registradas como relacionadas entre si. Uma vez isso feito, pouco interessa onde se acham e como se apresentam. Sabe-se de antemão que umas pertencem às outras.

Estamos familiarizados com o princípio da concordância em grego e latim. A muitos dentre nós já têm causado espécie essas rimas indefectíveis, como *vidi illum bonum dominum*, "vi êsse bom amo", ou *quarum dearum saevarum* "cujas deusas cruéis". Não que o eco sonoro, quer em forma de rima, quer de aliteração³⁹, seja indispensável à concordância, embora, sob o seu aspecto mais típico e original, a concordância seja quase sempre acompanhada de uma repetição de sons.

A essência do princípio é simplesmente isto: vocábulos (elementos) que pertencem uns aos outros, especialmente se são equivalentes sintáticos ou estão relacionados da mesma maneira a outro vocábulo ou elemento, levam a marca externa de um mesmo sufixo ou de sufixos funcionalmente equivalentes.

37. Ablativo, para uma análise relativamente recente.

38. Provavelmente na acentuação deve-se incluir o acento de altura.

39. Como em bântu ou chinuk.

A aplicação do princípio varia consideravelmente de acôrdo com o gênio de cada língua.

Em latim e grego, por exemplo, há concordância entre o nome e o vocábulo qualificativo (adjetivo ou demonstrativo) no que respeita ao gênero, ao número e ao caso, entre o verbo e o sujeito apenas no que respeita ao número, e não há concordância entre o verbo e o objeto.

Em chinuk, há uma concordância de maior alcance entre o nome, sujeito ou objeto, e o verbo. Todo nome classifica-se de acôrdo com cinco categorias — masculino, feminino, neutro⁴⁰, dual e plural. "Mulher" é feminino, "areia" é neutro, "mesa" é masculino. Se, por conseguinte, eu quero dizer "A mulher pôs areia na mesa", tenho de colocar no verbo dados prefixos de classe ou gênero que concordem com os prefixos nominais correspondentes. A sentença fica então "A (fem.)-mulher ela (fem.)-êle (neutro)-êle (masc.)-sôbre-pôs a (neutro)-areia a (masc.)-mesa".

Se "areia" tem a qualificação de "muita" e a mesa de "grande", exprimem-se essas novas idéias como nomes abstratos, cada qual com o seu prefixo de classe inerente ("muito" é neutro ou feminino, "grande" é masculino) e com um prefixo possessivo referente ao nome qualificado. Assim, o adjetivo reporta-se ao nome, o nome ao verbo. "A mulher pôs muita areia na mesa grande" assume, portanto, a forma de: "A (fem.)-mulher ela (fem.)-êle (neutro)-êle (masc.)-sôbre-pôs a (fem.)-da mesma porção (neutro)-areia a (masc.)-da mesma grandeza a (masc.)-mesa".

Insiste-se assim três vèzes na classificação de mesa como feminino: ? no nome, no adjetivo e no verbo.

Nas línguas bântu⁴¹, o princípio da concordância opera quase como em chinuk. Também nelas, os nomes se classificam em certo número de categorias e são postos em relação com adjetivos, demonstrativos, pronomes relativos e verbos por meio de elementos prefixados que lembram a classe e constituem um sistema complexo de concordância. Numa sen-

40. Talvez seja preferível dizer-se "geral". O neutro chinuk refere-se tanto a pessoas como a coisas, e pode usar-se como plural. "Masculino" e "feminino", por outro lado, em francês e alemão, incluem grande número de seres inanimados.

41. Faladas na maior parte da metade austral da África. Fala-se chinuk, sob a forma de múltiplos dialetos, no vale da parte inferior do rio Colúmbia. É impressivo observar como o espírito humano chegou ao mesmo tipo de expressão em duas regiões tão historicamente desconexas.

tença como "Aquêlo leão feroz que veio cá, está morto", a classe de "leão", que podemos chamar a classe animal, será assinalada por meio de prefixos de concordância nada menos de seis vèzes, — com o demonstrativo (aquêlo), com o adjetivo qualificativo, com o próprio nome, com o pronome relativo, com o prefixo subjetivo no verbo da cláusula relativa e com o prefixo subjetivo no verbo da oração principal ("está morto"). Reconhecemos nesta insistência para a clareza externa da referência o mesmo espírito que anima a frase mais familiar *illum bonum do-minum*.

Psicologicamente, os métodos de ordem e acentuação ficam no pólo oposto ao da concordância. Ao passo que apelam êles para o implícito, para a sutileza do sentimento lingüístico, a concordância não suporta a menor ambigüidade e impõe a cada momento a sua marca registrada.

A concordância tende a dispensar a ordem vocabular.

Em latim e chinuk, as palavras independentes têm liberdade de posição, um pouco menos em bântu. Tanto em chinuk como em bântu, contudo, os métodos de concordância e o de ordem são igualmente importantes para a diferenciação de sujeito e objeto, da mesma sorte que os prefixos classificadores do verbo se reportam ao sujeito, ao objeto ou ao objeto indireto consoante a posição relativa que ocupam. Temos assim novamente diante de nós o fato muito significativo de que em dada emergência a ordem vocabular se reafirma, em qualquer língua, como o mais fundamental dos princípios de relação.

O leitor atento deve estar surpreso de que até agora pouco tenhamos tido que dizer a respeito das tradicionais "partes do discurso".

A razão não é difícil de descobrir.

A nossa classificação convencional dos vocábulos em partes do discurso é apenas uma aproximação vaga e incerta do inventário cabal da experiência. Imaginamos, de início, que todos os "verbos" se referem inerentemente a uma ação, considerada em si mesma, que um "nome" é a denominação de uma coisa ou pessoa definida, cuja imagem se pode reproduzir em nossa mente, que tôdas as qualidades são necessariamente expressas por um grupo definido de palavras, que podemos adequadamente intitular "adjetivos".

Assim que pomos o nosso vocabulário à prova, descobrimos que as partes do discurso estão longe de corresponder a uma análise tão simples da realidade.

Dizemos *it is red* ["é vermelho"] e definimos *red* ["vermelho"] como vocábulo qualificativo ou adjetivo. Acharíamos estranho pensar num equivalente de "é vermelho", em que todo o predicado (adjetivo e verbo de estado) fôsse concebido como verbo, precisamente da mesma maneira por que o fazemos com "estende", ou "faz", ou "dorme". Ora, tão depressa damos à noção durativa de ser vermelho uma feição inceptiva ou transicional, podemos evitar as formas paralelas *it becomes red*, *it turns red* ["fica vermelho, torna-se vermelho"] com dizer *it reddens* ["avermelha-se"]. Ninguém negará que "avermelha-se" é um verbo tão legítimo quanto "dorme", ou até "passeia". Não obstante, *it is red* relaciona-se com *it reddens* quase como *he stands* com *he stands up* ou *he rises*⁴².

É apenas uma questão idiomática inglesa ou indo-européia não podermos dizer *it reds* no sentido *it is red*. Podem-no fazer centenas de outras línguas. Há até muitas que só podem exprimir o que nós chamamos "adjetivo" por meio de um particípio verbal. *Red* em tais línguas é apenas um derivado verbal *being red*, como o são os nossos *sleeping*, *walking* [participios presentes de *to sleep*, "dormir", *to walk*, "passear"].

Da mesma sorte que é lícito verbificar a idéia de qualidade no caso de *reddens*, é lícito representarmos-nos uma qualidade ou ação como coisa. Falamos de "a altura de um prédio" ou de "a queda de uma maçã", como se essas idéias fôsem paralelas a "o telhado de um prédio", ou "a casca de uma maçã", esquecendo-nos que os nomes ("altura", "queda") não deixariam de indicar uma qualidade e uma ação, só porque lhe demos a aparência de meros objetos. E assim como há línguas que reduzem a verbos a grande massa dos adjetivos, outras há que os reduzem a nomes. Em chinuk, como vimos, "a grande mesa" é "a-mesa-sua-grandeza"; em tibetano, pode exprimir-se a mesma idéia por "a mesa de grandeza", aproximadamente como dizemos "um homem de fortuna" em vez de "um homem rico".

Não haverá, porém, certas idéias que não é possível transmitir senão por meio de uma determinada parte do discurso?

42. [Em português, dizemos, ao contrário, "está de pé" (*he stands*) com o verbo "está", como dizemos "é vermelho", com o verbo "é"; e "engue-se" (*he rises*) como "avermelha-se" (*it reddens*).]

Como dispensar, por exemplo, o "para" da frase "êle veio para casa"? Muito simplesmente: podemos dizer "êle alcançou a casa", suprimindo a preposição e dando ao verbo um matiz de sentido que absorve a idéia de relação local transmitida pela partícula "para". Mas insistimos em dar independência a essa idéia de relação local. Não será forçoso ficar com a preposição? Não; pode-se transformá-la em um nome. Pode-se dizer qualquer coisa como — "êle alcançou a proximidade da casa", ou "o local da casa". Em vez de — "olhou para o espelho", podemos dizer — "persecutou o interior do espelho". Tais expressões desagradam em nossa língua, porque não se adaptam facilmente aos nossos canais formais, mas há língua e mais língua em que as relações locais são expressas assim. São substantivadas.

E dessa sorte poderíamos ir examinando as várias partes do discurso e ir mostrando que não só umas entram pelas outras, mas que até são em grau surpreendente umas conversíveis nas outras.

A conclusão de um tal exame seria deixar-nos convencidos que a "parte do discurso" reflete não tanto a nossa análise intuitiva da realidade quanto a nossa habilidade em compor, partindo da realidade, uma variedade de moldes formais. Uma parte do discurso, fora das limitações da forma sintática, não passa de um fogo-fátuo.

Eis por que nenhum esquema lógico das partes do discurso — seu número, natureza e limites precisos — é do menor interesse para o lingüista. Cada língua tem um plano seu. Tudo depende das demarcações formais que ela admite.

Não sejamos, porém, demolidores sistemáticos.

É bom não esquecer que a fala consiste numa série de proposições. Tem de haver o que quer que seja para ponto de partida da frase, e, uma vez escolhido êste sujeito do discurso, há aquilo que se diz a respeito. Essa distinção é tão fundamental que a grande maioria das línguas a salientou com criar uma espécie de barreira formal entre os dois termos da proposição. O sujeito do discurso é um nome. Como mais frequentemente se trata de uma pessoa ou de uma coisa, o nome situa-se entre os conceitos concretos dessa ordem. Como o que é predicado ao sujeito é geralmente uma atividade no sentido lato da palavra, a passagem de um momento a outro da existência, a forma que foi encarregada do papel de predicação, noutros termos — o verbo, situa-se entre os

conceitos de atividade. Nenhuma língua prescinde totalmente da distinção entre nome e verbo, embora em casos particulares a natureza dessa distinção seja ilusória.

O mesmo não sucede com as outras partes do discurso. Nenhuma delas é imperativamente imposta pela vida da linguagem⁴³.

43. Em yana, o nome e o verbo são bem distintos, embora com certos traços comuns que os aproximam um do outro numa medida que nos pareceria impossível. Mas, a rigor, não há outras partes do discurso. O adjetivo é um verbo. São-no igualmente os numerais, o pronome interrogativo [e. g. "ser o quê?"] e certas conjunções e advérbios (e. g. "ser e" e "não ser"; diz-se "e-passado-vou", i. e., — "e fui". Os advérbios e as proposições são quer nomes, quer meros afixos de derivação no verbo.

VI

OS TIPOS DE ESTRUTURA LINGÜÍSTICA

Até aqui, tratando da forma lingüística, preocupamo-nos apenas com os vocábulos isolados e com as relações dos vocábulos na sentença. Não consideramos as línguas, como um todo, conformes a êste ou àquele tipo geral. Vimos incidentalmente haver umas que buscam sínteses de estreita coesão ao passo que outras se contentam com a disposição mais analítica e fracionada de seus elementos, ou numa aparecerem puras certas relações sintáticas que já em outra se combinam com certas noções que têm em si qualquer coisa de concreto, por mais abstratas que se nos apresentem elas na prática. É possível que tenhamos assim obtido uma vaga idéia do que se entende por forma geral de uma língua.

Para todo aquêle que já cogitou no assunto ou sentiu até certo ponto o espírito de uma língua estrangeira, é óbvio, em verdade, que há para cada língua, um como que plano fundamental, um quadro determinado. Esse tipo, ou plano, ou índole "estrutural" é muito mais básico, muito mais profundo do que qualquer caráter lingüístico isolado que se possa mencionar, e não é possível adquirir uma idéia adequada da sua natureza com a mera enumeração dos vários fatos que constituem a gramática da língua. Quando passamos do latim para o russo, sentimos que é aproximadamente o mesmo horizonte que limita a nossa vista, embora tenham sido substituídos os marcos mais próximos e familiares. Quando chegamos ao inglês, julgamos notar que as montanhas são um pouco mais baixas, mas reconhecemos ainda assim o aspecto geral do país. Já quando atingimos o chinês, é um céu completamente outro que se nos depara. Podemos traduzir essas metáforas dizendo que tôdas as línguas di-

ferem entre si, mas que algumas muito mais do que outras. Tanto vale afirmar que é possível agrupá-las em tipos morfológicos.

A rigor, sabemos de antemão ser impossível estabelecer um grupo restrito de tipos que façam justiça plena às peculiaridades dos milhares de idiomas e dialetos falados na superfície da terra. Como tôdas as instituições humanas, a fala é tão variada e cambiante que não se presta a rótulos exatos. Até operando com uma escala de tipos minuciosamente subdivididos, poderíamos ficar certos de que muitas línguas exigiriam um desbaste preliminar para ali se encaixarem satisfatoriamente. Para incluí-las uma a uma, seria necessário exagerar a importância desse ou daquele traço característico ou fazer abstração, no momento, de certas contradições do seu mecanismo.

Por acaso a dificuldade da classificação prova a inutilidade da empresa? Não o creio. Seria sumamente cômodo livrarmo-nos de tão pesado encargo, partindo da consideração de que cada língua tem uma história própria, e portanto, uma estrutura própria. Mas com isso só se exprime meia verdade. Assim como instituições sociais, econômicas e religiosas semelhantes se têm desenvolvido nas diversas partes do globo como resultado de antecedentes históricos diferentes, também as línguas, percorrendo estradas diferentes, têm tendido a convergir para formas semelhantes. Acresce que o estudo histórico da linguagem nos provou, fora de qualquer dúvida, que uma língua muda não só gradual, mas consistentemente, que se move inconscientemente de um tipo para outro, e que se observam linhas diretrizes análogas nas mais remotas partes do globo. Daí se segue terem chegado independente e freqüentemente a morfologias de semelhança ampla línguas sem qualquer relação de parentesco entre si.

Admitindo a existência de tipos lingüísticos comparáveis, não estamos negando, pois, a individualidade dos processos históricos; estamos afirmando que, por trás da fachada da história, há derivas poderosas que impelem a linguagem, como a outros produtos sociais, no sentido de certos padrões ponderados, ou, em outros termos, de certos tipos. Como lingüistas, contentemo-nos em compreender que existem tais tipos e que determinados processos na vida da linguagem tendem a modificá-los. A razão por que se constituem tipos semelhantes, bem como a natureza das forças que os criam e dissolvem, são problemas mais fáceis de armar que resolver. Talvez os psicólogos do futuro sejam um

dia capazes de dar-nos as razões finais, que explicam a formação dos tipos lingüísticos.

Quando se enfrenta a tarefa classificatória, verifica-se logo que não se tem estrada fácil de palmilhar. Já têm sido propostas várias classificações e tôdas contêm elementos de valor. Nenhuma, porém, se apresenta como satisfatória. Parecem não tanto abarcar as línguas conhecidas quanto pousá-las em assentos estreitos e de hirto espaldar.

As dificuldades têm sido de várias espécies.

Inicialmente e primordialmente, tem sido difícil adotar um ponto de partida. Qual há de ser a base da classificação?

Cada língua se nos apresenta com tantas facetas que a nossa perplexidade é explicável. E um só ponto de partida seria bastante?

Em segundo lugar, é arriscado generalizar as conclusões que se tiram de um pequeno número de línguas selecionadas. Tomar como a soma total de material de que dispomos, o latim, o árabe, o turco, o chinês, ou acrescentar-lhes talvez, com mais detida reflexão, o esquimó ou o siú, é procurar deliberadamente um fracasso. Não temos direito de admitir, por hipótese, que algumas línguas exóticas, catadas cá e lá, bastem para completar a lista, só feita por sua vez com umas poucas línguas mais próximas de nós e que nos interessam mais diretamente.

Em terceiro lugar, os lingüistas deixaram-se em regra seduzir pela miragem de uma fórmula simples¹.

Há qualquer coisa de irresistível no método de classificação; que firma dois pólos, exemplificados digamos pelo chinês e pelo latim, distribui para cada lado aquilo que pode, e joga tudo mais num "tipo de transição".

Assim surgiu a classificação das línguas, ainda hoje popular, em grupos isolante, aglutinativo e flexional, a que às vezes se fizeram seguir as línguas dos índios da América, como uma retaguarda incômoda e indisciplinada de "polissintéticas" atrás das aglutinativas.

Há justificação para o uso de todos êsses títulos, mas não, parece-me, com o alcance que comumente se lhes dá. Seja como fôr, é difícil distribuir tôdas as línguas conhecidas por êsses grupos, que, de mais

1. E sempre que possível uma fórmula tríplice.

a mais, não se excluem uns aos outros. Uma língua pode ser ao mesmo tempo aglutinativa e flexional, ou até polissintética e isolante, como daqui a pouco veremos.

Há ainda uma quarta razão para explicar por que têm provado infrutíferas as tentativas de classificação das línguas. É o preconceito evolucionista que se insinuou nas ciências sociais pelos meados do século passado e que só agora começa a perder o seu império tirânico em nosso espírito.

De envolta com esse preconceito científico e antecipando-o em grande parte, havia outro, mais humanamente compreensível.

A vasta maioria dos teóricos lingüísticos falava por sua vez línguas de certo tipo, cujas variedades mais plenamente desenvolvidas eram o latim e o grego, que eles tinham aprendido na meninice. Não lhes foi difícil persuadirem-se que tais línguas, que lhes eram familiares, representavam o desenvolvimento "mais alto", ao qual a linguagem pode chegar, e que todos os outros tipos eram simples degraus na marcha para esse "mimado" tipo flexional. Tudo o que se conformava com os moldes do sânscrito, do latim, do grego e do alemão era aceito como índice de qualquer coisa de "superior"; tudo que deles divergia, era olhado de má vontade como qualquer coisa de falho, ou, quando muito, como uma aberração curiosa².

Ora, qualquer classificação que parte de valores preconcebidos ou que busca satisfações de ordem sentimental lavra a sua própria condenação como anticientífica. Um lingüista que nos fala do tipo latino de morfologia como do mais alto grau de desenvolvimento lingüístico, dá idéia de um zoólogo que visse todo o mundo orgânico convergir para a produção do cavalo de corrida ou da vaca Jersey. Uma língua em suas formas fundamentais é a expressão simbólica de instituições humanas.

2. Um célebre autor americano, tratando da cultura e da linguagem, expendeu a afirmação que, por mais respeitáveis que possam ser os homens de língua aglutinativa, era um verdadeiro crime deixar uma mulher flexional escolher um marido aglutinativo. Era pôr em perigo formidáveis valores espirituais. Os campeões das línguas "flexionais" chegam até a exaltar as próprias irracionalidades do latim e do grego, salvo quando lhes convém gabar o caráter profundamente "lógico" das duas línguas clássicas. Entretanto, a sobriedade lógica do turco e do chinês deixa-os frios. As gloriosas irracionalidades e complexidades formais de muitas línguas "solvagens" são para eles insuportáveis. Os sentimentais são sempre difíceis de contentar.

Tais formas amoldam-se de cem maneiras, sem atenção ao progresso ou retrocesso material do povo que delas se serve e que em grande parte não tem consciência do que elas são. Se, por conseguinte, quisermos compreender a linguagem na sua verdadeira intimidade, cumprirá desabusarmo-nos de "valores" preferidos³, e acostumarmo-nos a olhar para o inglês e para o hotentote com o mesmo despreendimento gélido mas cheio de interesse.

Voltemos à primeira dificuldade a que aludimos. Que ponto de partida adotaremos para a nossa classificação?

Depois de tudo que dissemos sobre forma gramatical no capítulo precedente, é claro que não podemos fazer a distinção entre línguas mórficas e amórficas, que costumava atrair alguns tratadistas do passado. Toda língua tem capacidade e necessidade de expressar as relações sintáticas fundamentais, ainda quando não se encontra um só afixo entre os seus elementos léxicos.

Concluimos, pois, que toda língua tem uma forma.

Fora da expressão da relação pura, uma língua pode, evidentemente, ser "amórfica" — isto é, ser amórfica no sentido mecânico e um tanto superficial de não se sobrecarregar de elementos não-radiciais.

As vezes, tem-se tentado formular a distinção na base da "forma interna". O chinês, por exemplo, não dispõe de elementos formais puros e simples, ou seja uma "forma externa", mas evidencia um sentido agudo das relações, da diferença de sujeito e objeto, de atributo e predicado, etc. Em outros termos, tem uma "forma interna" no mesmo sentido em que a possui o latim, embora seja externamente sem forma, ao passo que o latim é externamente "formal". Por outro lado, supõe-se haver línguas⁴ que não apreendem a rigor as relações fundamentais, mas se contentam com uma expressão mais ou menos minuciosa das idéias materiais, às vezes com exuberante ostentação de "formas externas", deixando que as relações puras se infiram apenas do contexto.

3. Falo pensando nos valores formais considerados em si mesmos. Ter ou não uma língua um vocabulário rico e valioso é outra coisa. O acervo vocabular de uma língua, num momento dado, não deve interessar ao lingüista, pois todas as línguas dispõem de recurso para criar novas palavras, quando preciso. Por outro lado, não nos interessa aqui absolutamente o valor prático de uma língua ou o seu papel como veículo de uma grande cultura. São considerações importantíssimas, sob outros aspectos, mas que nada têm que ver com o valor formal.

4. E. g., o malaio o polinésio.

Por mim, muito me inclino a acreditar que a suposta "falta de forma interna" de certas línguas é uma ilusão. É muito possível que nessas línguas as relações não sejam expressas de maneira tão imaterial como em chinês ou mesmo em latim⁵, ou que o princípio da ordem vocabular fique sujeito a maiores flutuações do que em chinês, ou que a tendência para as derivações complexas alivie a língua da obrigação de exprimir certas relações tão explicitamente como se impõe em línguas mais analíticas⁶. Tudo isso não quer dizer que línguas dessas não tenham um sentimento real das relações fundamentais.

Não nos será lícito, portanto, utilizar a noção de "falta de forma interna", senão no sentido muito modificado de poderem-se achar as relações sintáticas amalgamadas a noções de outra espécie. A tal critério de classificação voltaremos mais adiante.

Seria mais justificável uma classificação de acôrdo com os processos formais mais típicos⁷ que a língua desenvolveu.

As línguas que sempre identificam o vocábulo com o elemento radical, constituiriam um grupo "isolante", em contraste com outras que ou afixam elementos modificadores (línguas de afixação), ou possuem a faculdade de mudar a significação do radical por meio de mudanças internas (reduplicação; alternâncias vocálicas e consonantais; alternâncias de quantidade, de intensidade, de altura). Este último tipo poderia intitular-se não sem razão o tipo das línguas simbólicas⁸. As línguas

5. Onde, como vimos, as relações sintáticas não estão de todo estremes de noções concretas.

6. Aproximadamente como em inglês *cod-liver oil*, até certo ponto, prescinde de definir explicitamente as relações dos três nomes. Contrastar com o francês *huile de foie de morue* [ou, em português, "óleo de fígado de bacalhau"].

7. Ver cap. IV.

8. Há provavelmente uma conexão psicológica real entre o simbolismo e as alternâncias significativas de *drink*, *drank*, *drunk* ou do chinês *mai* (com tom ascendente), "comprar", e *mai* (com tom descendente), "vender". A tendência inconsciente para o simbolismo tem sido com justiça frisada pela literatura psicológica, mais moderna. Pessoalmente, eu acho que a passagem de *sing* (presente de *to sing*), "cantar" a *sang* (pretérito) causa quase a mesma impressão que a alternância das cores simbólicas — por exemplo, "verde" para "trânsito livre", "vermelho" para "perigo". Mas provavelmente nós todos diferimos uns dos outros na maneira mais ou menos intensa por que nos impressionam as mudanças lingüísticas dessa espécie.

de afixação dividir-se-iam sem esforço naquelas em que prevalecem os prefixos, como o bântu e o tlinguit e naquelas em que predominam ou só existem os sufixos, como o esquimó, o algonkin e o latim.

Há, porém, duas dificuldades sérias nessa classificação quadripartida (isolantes, de prefixação, de sufixação, e simbólicas).

Em primeiro lugar, a maior parte das línguas se enquadram em mais de um desses grupos.

Em segundo lugar, a classificação em sua essência é superficial. Reuniria línguas de índole totalmente diferente apenas por causa de certa semelhança de forma externa. Há evidentemente um mundo de permeio entre uma língua de prefixação como o cambodjiano, que, no que respeita ao emprêgo dos seus prefixos (e infixos), se limita a expressar conceitos de derivação, e as línguas bântu, em que os elementos prefixados têm alcance muito maior, como símbolos que são de relações sintáticas.

A classificação torna-se mais valiosa se a fizermos referir-se à expressão dos conceitos de relação⁹. Sob êsse aspecto assim modificado, recorreremos a ela como a um critério subsidiário. Veremos então que os termos "isolante", "afixação" e "simbólico" têm um valor real. Mas, em vez de distinguir entre línguas de prefixação e de sufixação, veremos também que é de maior interêsse fazer outra distinção, fundamentada na relativa coesão com que os afixos se prendem ao núcleo vocabular¹⁰.

9. Pura ou de "relação concreta". Ver cap. V.

10. Apesar da minha relutância em insistir na diferença entre línguas de prefixação e de sufixação, sinto ser mais significativa essa diferença do que soem admitir os lingüistas. Parece-me haver uma distinção psicológica de certa importância entre uma língua que firme a categoria formal de um radical antes de enunciá-lo — e é isto, em realidade o que estão no hábito de fazer línguas como o tlinguit, o chinuk e o bântu — e outra que parte do núcleo concreto do vocábulo e define a categoria desse núcleo por limitações sucessivas, cada uma das quais reduz em certa medida a generalidade de toda a parte precedente. O espírito do primeiro método tem qualquer coisa de diagramático e arquitetônico, ao passo que o segundo se resume num método de podas *a posteriori*. Nas línguas de prefixação mais altamente elaboradas, o vocábulo tende a nos dar a impressão de uma cristalização de elementos flutuantes; já os vocábulos das línguas típicas de sufixação (turco, esquimó, nutka) são formações determinativas, em que cada elemento adicionado determina novamente a forma do conjunto. Na prática, é tão difícil tirar partido dessas distinções fugidias, embora importantes, que um estudo elementar não tem outro remédio senão ignorá-las.

Há mais outra série de distinções utilíssimas, mas que também não se pode aplicar exclusivamente sem tornar a classificação superficial.

Refiro-me às noções de língua "analítica", "sintética" e "polissintética".

São termos que se explicam por si. Uma língua analítica é a que não reúne conceitos no vocábulo (chinês) ou o faz parcimoniosamente (inglês, francês). Numa língua analítica, a sentença é sempre de importância primacial, o vocábulo de interesse menor. Numa língua sintética (latim, árabe, finico), os conceitos são mais intrincados, os vocábulos têm mais rica disposição interna, mas há uma tendência geral a manter no vocábulo, em nível moderado, o âmbito da significação concreta. Uma língua polissintética, como indica o seu nome, é mais do que normalmente sintética. O vocábulo torna-se extremamente elaborado. Conceitos que nunca sonharíamos tratar sequer em forma subordinada, são simbolizados por afixos de derivação ou mudanças "simbólicas" do radical, enquanto noções, as mais abstratas, inclusive as relações sintáticas, se exteriorizam igualmente pelo vocábulo. Uma língua polissintética não ilustra senão princípios que para nós já estão exemplificados nas línguas sintéticas que nos são familiares. Está para elas como uma língua sintética está para o nosso próprio inglês analítico¹¹.

Os três termos são puramente quantitativos — e relativos; isto é, uma língua pode ser analítica sob um aspecto e sintética sob outro. Parecem-me mais úteis para definir certas tendências do que para rotular categoricamente as línguas.

Com efeito, traz-se muitas vezes uma nova luz ao estudo com observar que uma língua está tornando-se cada vez mais analítica no curso da sua história, ou que, ao contrário, tem indícios de haver partido de uma base analítica pura para cristalizar-se em formas altamente sintéticas¹².

11. Entretanto, em inglês o analitismo não passa de uma tendência. Comparado ao francês, é ainda regularmente sintético, pelo menos sob certos aspectos.

12. O primeiro processo é demonstrável para o inglês, o francês, o dinamarquês, o tibetano, o chinês e uma legião de outras línguas. A segunda tendência pode ser provada, creio eu, por uma porção de línguas índias da América, e. g. o chinuk e o návah. Sob a sua forma presente, moderadamente sintética, é nelas discernível uma base analítica que, num caso, pode definir-se como de tipo inglês e, noutro, de tipo tibetano.

Chegamos agora à diferença entre língua flexional e aglutinativa.

Como já assinalai, a distinção é útil, e até necessária, mas tem sido geralmente obscurecida por certo número de caracterizações fora de propósito e pelo esforço baldo de fazer com que os dois termos abarquem todas as línguas que não são, como o chinês, ineludivelmente isolantes.

Pode-se apreender o sentido que mais convém dar ao termo "flexional" considerando-se rapidamente quais os traços essenciais do latim e do grego que têm sido considerados típicos das línguas flexionais.

Antes de tudo, são esses traços mais sintéticos do que analíticos. Mas pouco adianta tal observação. Relativamente a muitas outras línguas que se lhes assemelham nas suas grandes linhas estruturais, o latim e o grego não são notavelmente sintéticos; por outro lado, os seus descendentes modernos, italiano e grego moderno¹³, embora já muito mais analíticos, não se afastaram tanto em suas linhas mestras que mereçam ir para outro grande grupo distinto. Uma língua flexional, insistamos, pode ser analítica, sintética ou polissintética.

O latim e o grego praticam principalmente o método da afixação, com grande preponderância dos sufixos. As línguas aglutinativas usam uma afixação igualmente típica, sendo que algumas favorecem os prefixos e outras buscam de preferência os sufixos.

A afixação, por si, não define, pois, o flexionalismo.

É possível que tudo dependa da natureza da afixação utilizada.

Comparando vocábulos ingleses como *farmer* e *goodness* com outros como *height* e *depth*, não podemos deixar de ficar impressionados pela diferença notável da técnica de afixação nos dois pares¹⁴. As terminações *-er* e *-ness* são mecânicamente afixadas ao radical que é ao mesmo tempo vocábulo independente (*farm*, *good*). Não são de maneira alguma elementos de significação independente, mas transmitem o seu sentido (agente, qualidade abstrata) com segurança e precisão. O seu uso é simples e regular, e não teremos dificuldade em apô-los a

13. Isso se aplica mais particularmente ao grupo românico: italiano, espanhol, português, francês, rumeno. O grego moderno não é tão nitidamente analítico.

14. [Em português, podemos, na mesma ordem de idéias opor "bondade" que ressalta espontaneamente de "bom" e "coragem" ou "ilusão"].

um verbo ou a um adjetivo qualquer, de origem mais recente que seja. De um verbo *to camouflage* podemos cunhar o nome *camouflager*, "pessoa que (*camouflages*)"; de um adjetivo como *jazzy* resulta com tóda a naturalidade o nome *jazziness*. O mesmo não acontece com *height* e *depth*. Funcionalmente prendem-se a *high* ("alto") e *deep* ("profundo"), tal qual *goodness* a *good*; mas é maior o grau de coalescência entre radical e afixo. Radical e afixo, embora até certo ponto distintos, não são aqui suscetíveis de uma separação tão pronta como *good* e *-ness* em *goodness*. O *t* de *height* não é a forma típica do afixo (comparar *strength*, *length*, *filth*, *breadth*, *youth*), da mesma sorte que *dep-* não é idêntico ao adjetivo *deep*.

Designemos as duas espécies de afixação como "fusão" e "justaposição". À técnica da justaposição podemos chamar "aglutinativa", se quisermos.

Convirá, conseqüentemente, apresentar a técnica da fusão como a essência do tipo flexional? Receio que ainda não chegamos ao alvo.

Fôsse a língua inglesa pejada de coalescências do tipo de *depth*, mas, por outro lado, usasse ela o plural independentemente da concordância verbal (e. g. *the books falls*, como *the book falls*, ou *the book fall* como *the book falls*) [ou, em port. "os livros cai" "o livro caem"], as desinências pessoais independentemente do tempo (e. g. *the book falls* como *the book fall*, ou *the book fall* como *the book fell*) [pois em inglês a desinência verbal *-s* é privativa da 3.ª pessoa do singular do presente] e os pronomes independentemente do caso (e. g. *I see he*, como *he sees me*, ou *him see the man*, como *the man sees him*) [*he*, forma subjetiva e *him* objetiva da 3.ª pessoa masculina singular], e hesitaríamos em apresentá-la como flexional.

O simples fato da fusão, portanto, não nos parece satisfatoriamente uma indicação clara de flexionalismo.

Há, com efeito, grande número de línguas que fazem a fusão do radical e do afixo da maneira mais completa e intrincada que se poderia esperar, sem todavia evidenciar essa espécie particular de formalismo que imprime a marca de flexional a línguas como o latim e o grego.

O que é verdade da fusão, é verdade igualmente dos processos simbólicos¹⁵.

15. Ver págs. 128 e 129.

Há lingüistas que falam das alternâncias do tipo de *drink* e *drank* [cf. em português, esporadicamente, "pus" e "pôs"] como se representassem elas o grau máximo da flexão, uma espécie de essência espiritualizada da forma flexional pura. Entretanto, em formas gregas como *pe-pomph-a* "mandei", em contraste com *pemp-o* "mando", com a alternância tríplice do radical (*pe-* reduplicativo, mudança *e : o*, mudança *p:ph*) é antes a peculiar distinção entre a desinência de 1.ª pessoa do singular *-a* do perfeito e *-o* do presente, que dá às duas formas verbais o seu cunho flexional. Nada seria mais errôneo do que supor que as mudanças simbólicas do radical, mesmo para a expressão de conceitos tão abstratos como o número e o tempo, estejam sempre associados com as peculiaridades sintáticas de uma língua flexional. Se por língua aglutinativa entendemos tóda aquela que se serve de afixos pela técnica da justaposição, só podemos concluir que há centenas de línguas simbólicas e de fusão — não-aglutinativas por definição —, que são contudo de índole completamente diversa do tipo flexional grego e latino. É-nos lícito chamar flexionais essas línguas; mas, assim procedendo, preparemo-nos para uma revisão da nossa noção de forma flexional.

Cumpra atentar que à fusão do radical com o afixo pode-se emprestar um sentido psicológico mais lato do que aquêle a que até agora me referi.

Se todo nome plural inglês fôsse do tipo *book : books* ["livro : livros"], se não houvesse modelos contraditórios como *deer : deer* [*deer*, "veado", invariável em número], *ox : oxen* [*ox*, "boi", com a desinência arcaica *-en*], *goose : geese* [*goose*, "ganso" com a alternância vocálica no radical para exprimir o plural], que complicam o quadro morfológico geral da pluralidade, é de crer que a fusão dos elementos *book* e *-s* no vocábulo uno *books* seria sentida de maneira um pouco menos completa do que atualmente é. O nosso pensamento ou impressão inconsciente a respeito é mais ou menos êste: Se o padrão formal representado por *books* é idêntico, no que respeita ao uso geral, ao vocábulo *oxen*, os elementos de plural *-s* e *-en* não podem ter um valor tão definido e autônomo, como à primeira vista estaríamos talvez propensos a supor. São sinais de plural apenas na medida em que a pluralidade se predica a certos conceitos selecionados. Os vocábulos *books* e *oxen* são, portanto, mais do que combinações maquinais do símbolo de uma coisa (*book*, *ox*) com um símbolo nítido de pluralidade. Há uma névoa de leve incerteza psicológica na

formação de *book-s* e *ox-en*. Um pouco de força do *-s* e do *-en* é antecipada ou apropriada pelas próprias palavras *book*, e *ox*, assim como a força conceptual do *-th* em *depth* é apreciavelmente mais fraca do que a de *-ness* em *goodness*, apesar do paralelismo de funções entre *depth* e *goodness*.

Ora, desde que há certa incerteza de formação, desde que o afixo não logra chamar a si todo o seu quinhão significativo, acentua-se melhor a unidade do vocábulo completo. A mente tem de firmar-se em alguma coisa. Se não pode demorar-se nos elementos constituintes, trata pressurosamente de acolher o vocábulo em seu conjunto.

Uma palavra como *goodness* ilustra a "aglutinação", *books* "a fusão regular", *depth* "a fusão irregular", *geese* "a fusão simbólica ou "simbolismo"¹⁶.

A individualidade psicológica dos afixos num termo aglutinado pode ser ainda mais acentuada do que a de *-ness* em *goodness*.

A rigor, a significação de *-ness* não é tão inerentemente determinada, tão autônoma como se poderia esperar. Depende do radical precedente na medida em que exige um radical de tipo especial — um adjetivo. A sua força fica assim, de antemão, até certo ponto refreada. Mas a fusão neste caso é tão vaga e elementar, decorre tão espontaneamente na maior parte dos casos de afixação, que é natural fazer abstração da sua existência para frisar de preferência a natureza justapositiva ou aglutinativa do processo.

Se a terminação *-ness* pudesse afixar-se, como elemento abstrato, a todo e qualquer tipo de radical, se pudessemos dizer *fightness* [*fight*, subst., "luta"] (o ato ou qualidade de lutar), ou *waterness* [*water*, subst., "água"] (a qualidade ou estado de água), ou *awayness* [*away*, adv., "embora", "para longe"] (o estado de afastamento), como podemos dizer

16. As fórmulas seguintes podem ser de utilidade para os que têm propensão para as matemáticas. Aglutinação: $c = a + b$; fusão regular: $c = a + (b - x) + x$; fusão irregular: $c = (a - x) + (b - y) + (x + y)$; simbolismo: $c = (a - x) + x$. Não quero com isso dar a entender que haja um valor místico no processo da fusão. É de todo provável que se tenha desenvolvido como produto puramente mecânico de forças fonéticas, que provocaram irregularidades de várias espécies.

goodness (o estado de ser bom), ficaríamos mais próximos do pólo aglutinativo.

Um língua que busca sínteses dêsse caráter lato e geral é que deve ser considerada como um bom exemplo do tipo aglutinativo ideal, especialmente se os conceitos, expressos pelos elementos aglutinados, são conceitos de relação, ou pertencem pelo menos à classe mais abstrata das idéias derivativas.

É fácil citar formas instrutivas do nutka.

Voltemos ao nosso "lume em casa"¹⁷. O nutka *inikw-ihl* não é um vocábulo de constituição tão definida como a tradução faria supor. O radical *inikw-* "lume" é na realidade tão verbal quanto nominal; corresponde ora a "lume", ora a "arder", de acordo com as exigências sintáticas da sentença. O elemento de derivação *-ihl*, "em casa", não lhe mitiga êsse aspecto vago ou geral; *inikw-ihl* continua a ser "lume em casa" ou "arder dentro de casa". Adquirirá definitivamente o caráter nominal ou verbal pela afixação de elementos de força exclusivamente nominal ou verbal. Por exemplo *inikw-ihl-'i*, com o artigo sufixado, é uma forma nominal nítida: "O arde em casa, o lume em casa"; *inikw-ihl-ma*, com o sufixo de indicativo é não menos nitidamente verbal: "arde em casa". Quão fraco é o grau de fusão entre "lume em casa" e o sufixo nominal ou verbal mostra a circunstância de que *inikwihl* com sua indiferença formal não é uma abstração obtida pela análise, senão um vocábulo bem apercebido e pronto para ser usado na sentença. As terminações *-i* e *-ma* não são afixos que criem uma forma vocabular; são simples adições a um conjunto formal já existente.

Mas não é tudo.

Podemos continuar a manter em suspenso a forma nominal ou verbal de *inikwihl*, enquanto não fizermos os acréscimos de *-i* ou *-ma*. Podemos pluralizar o vocábulo: *inikw-ihl-'minih*; que é "lumes em casa" ou "arde pluralmente em casa". Podemos dar valor diminutivo a êsse plural *inikw-ihl-'minih-'is*, "lumezinhos em casa" ou arde "pluralmente e de leve em casa".

É se acrescentarmos o sufixo do tempo pretérito *-it*? Não é de esperar que *inikw-ihl-'minih-'is-it* seja necessariamente um verbo — "vários lumezinhos ardiam em casa?"

17. Ver pág. 107.

Pois não o é.

Pode continuar a ser tratado como nome: *inikw-ihl-'minih-'is-it-'i* significa — “os antigos lumezinhos em casa, os lumezinhos que dantes ardiam em casa”. Não se torna inconfundivelmente um verbo, senão quando se lhe dá uma forma que exclui outra qualquer possibilidade, como no indicativo *inikwihl-minih 'isit-a*, “vários lumezinhos ardiam em casa”. Reconhecemos assim facilmente que os elementos *-ihl*, *-'minih*, *-is*, e *it* completamente fora da natureza relativamente concreta ou abstrata de seu conteúdo e fora, além disso, do grau de sua coesão externa (fonética) com os elementos antecedentes, têm uma independência psicológica que jamais oferecem os nossos próprios afixos. São típicos elementos aglutinados, embora não possuam grande independência externa, sejam tão incapazes de viver à parte do radical a que estão sufixados, como a terminação *-ness* de *goodness* ou *-s* de *books*.

Dai não se segue que uma língua aglutinativa não possa, com grande latitude, fazer uso do princípio da fusão a um tempo externa e psicológica, ou até do simbolismo. É só uma questão de tendência. Há uma inclinação nítida para o método aglutinativo? A língua é “aglutinativa”. Como tal, pode ser de prefixação ou sufixação, analítica, sintética ou polissintética.

Voltemos ao flexionalismo.

Uma língua flexional, como o latim e o grego, pratica o método da fusão e esta tem um sentido tanto internamente psicológico quanto externamente fonético. Não basta, porém, que a fusão se verifique no âmbito dos conceitos de derivação (grupo II)¹⁸; cumpre que inclua as relações sintáticas, que podem exprimir-se quer sob a sua forma pura (grupo IV), quer, como em latim e grego, por meio de “conceitos concretos de relação” (grupo III)¹⁹. No que respeita ao grego e ao latim, consiste

18. Ver cap. V.

19. Se recusarmos a aplicação do termo “flexional” às línguas de fusão, que exprimem as relações sintáticas sob forma pura, isto é, sem mistura de conceitos como número, gênero e tempo, apenas porque tal mistura nos é familiar em latim e em grego, faremos do “flexionalismo” uma concepção ainda mais arbitrária do que seria lícito prever. Ao mesmo tempo, é verdade que o próprio método de fusão tende a anular a demarcação entre os conceitos do grupo II e IV, criando o grupo III. Por outro lado, não é de negar a possibilidade de línguas flexionais dessa ordem. No tibetano moderno, por exemplo, em que se exprimem os conceitos do grupo II muito debilmente, se é que se exprimem, e os con-

essencialmente o flexionalismo na fusão de elementos que exprimem conceitos de relação impuros, logicamente falando, com radicais e elementos que exprimem conceitos de derivação. Na noção de flexionalismo concorrem imprescindivelmente a fusão como método geral e a expressão de conceitos de relação no vocábulo.

Mas assim definir o flexionalismo é descrever da aplicação do termo para definir um grupo maior de línguas. Para que pôr em relêvo ao mesmo tempo a técnica e o conteúdo especial? Evidentemente, é preciso decidirmo-nos por uma ou outra coisa. “Fusional” e “simbólico” contrastam com “aglutinativo”, que por sua vez não se equipara absolutamente a “flexional”. Que fazer das línguas fusionais e simbólicas que não exprimem os conceitos de relação no vocábulo, mas confiam-nos antes à própria sentença? E não havemos de distinguir entre as línguas aglutinativas que indicam êses conceitos no vocábulo — e não são flexionais nesse particular — e as demais em que tal não sucede?

Desistimos da escala das línguas analíticas, sintéticas, polissintéticas, como excessivamente quantitativa para o nosso fim. Isolantes, de afixação, simbólicas — também nos pareceu divisão insuficiente pela razão de frisar demais a técnica externa. Isolantes, aglutinativas, fusionais e simbólicas — constituem um plano preferível, mas ainda muito calçado em aspectos externos.

Andaremos melhor, parece-me, aceitando o tipo flexional a título de sugestão valiosa para um plano lato e mais consistentemente desenvolvido, a título de ponto de partida para uma classificação assente na natureza dos conceitos expressos na linguagem. As outras duas classificações — a que decorre do grau de síntese e a que decorre do grau de

ceitos de relação (e. g., o genitivo, o agentivo ou instrumental) estremos de material estranho, colhemos muitos casos interessantes de fusão e até de simbolismo. *Mi di*, e. g. “homem êste, o homem”, é uma forma absoluta que pode ser usada como sujeito de verbo intransitivo. Quando o verbo é transitivo (na realidade, passivo), o sujeito (lógico) tem de assumir a forma agentiva. *Mi di* torna-se então *Mi di*, “pelo homem”, com um simples alongamento da vogal do pronome demonstrativo (ou artigo). (Há provavelmente, também, uma mudança de entonação da sílaba). Isso, evidentemente, é da própria essência do flexionalismo. É um comentário divertido a respeito da insuficiência da classificação da língua corrente, que considera mundos distintos o tipo “flexional” e o tipo “isolante”, observar que o tibetano moderno pode ser apresentado sem improcedência como língua isolante, abstração feita de tais exemplos de fusão e simbolismo.

fusão — podem ser mantidas como critérios auxiliares que nos permitirão subdividir os grandes tipos obtidos em função dos conceitos.

Convém recordar que tôdas as línguas têm de exprimir necessariamente os conceitos radicais (grupo I) e as idéias de relação (grupo II). Quanto aos outros grandes grupos de conceitos — de derivação (grupo II) e de relação mista (grupo III) — ambos podem faltar, podem figurar ambos ou figurar um só. Ministra-nos isso imediatamente um método simples, incisivo e absolutamente inclusivo de classificar tôdas as línguas conhecidas. São elas:

A — Línguas que apenas exprimem conceitos do I e IV grupos; em outros termos, línguas que mantêm puras as relações sintáticas e não possuem o poder de modificar a significação dos seus radicais por meio de afixos ou mudanças internas²⁰. Podemos chamá-las “línguas de relação pura sem derivação” ou, mais tersamente, “línguas simples de relação pura”. São as que vão mais diretamente ao âmago da expressão lingüística.

B — Línguas que exprimem conceitos do I, II e IV grupos; em outros termos, línguas que mantêm puras as relações sintáticas e também possuem o poder de modificar a significação dos seus radicais por meio de afixos ou mudanças internas. São as “línguas de relação pura com derivação”, ou “línguas complexas de relação pura”.

C — Línguas que exprimem conceitos do I e III grupos²¹; em outros termos, línguas nas quais as relações sintáticas são expressas em co-

20. Estou totalmente eliminando a possibilidade da composição de dois ou mais radicais para construir vocábulos unificados ou locuções vocabulares, (ver págs. 72-74). Considerar expressamente a composição no presente exame dos tipos lingüísticos seria complicar indoevidamente o problema. Muitas línguas que não possuem afixos de derivação de qualquer espécie, podem, não obstante, compor radicais (vocábulos independentes). Tais compostos têm, não raro, uma fixidez que simula a unidade dos vocábulos simples.

21. Podemos admitir que nessas línguas e nas do tipo D todos ou quase todos os conceitos de relação são expressos em forma “mista”, que um conceito como o da subjetividade, por exemplo, não pode ser expresso sem, ao mesmo tempo, implicar as categorias de número ou gênero, ou que toda forma verbal ativa tem de possuir um tempo definido. Com isso, o grupo III passará a incluir, ou melhor absorver, o grupo IV. Teoricamente, é claro, certos conceitos de relação podem expressar-se em forma pura e outros em forma mista; mas na prática não será nada fácil fazer a distinção.

nexão necessária com conceitos que não são inteiramente omissos em significação concreta, mas que, fora dessa comistão, não possuem o poder de modificar a significação dos radicais por meio de afixos ou mudanças internas²². São as “línguas de relação mista sem derivação”, ou “línguas simples de relação mista”.

D — Línguas que exprimem conceitos do I, II e III grupos; em outros termos, línguas em que as relações sintáticas são expressas sob um aspecto misto, como em C, e que também possuem o poder de modificar a significação dos radicais por meio de afixos ou mudanças internas. São as “línguas de relação mista com derivação”, ou, “línguas complexas de relação mista”. É aqui que se acham as línguas “flexionais”, com que estamos mais familiarizados, e um grande número de línguas “aglutinativas”, polissintéticas algumas e outras apenas sintéticas.

Esta classificação das línguas em função dos conceitos, é bom repetir, não pretende levar em linha de conta a técnica lingüística externa. Responde, com efeito, a duas questões fundamentais relativas à tradução dos conceitos em símbolos lingüísticos.

Trata-se de saber, em primeiro lugar, se a língua conserva puros os seus radicais ou constrói as suas idéias concretas por meio de elementos inseparáveis agregados (tipos A e C versus B e D); e, em segundo lugar, se conserva os conceitos básicos de relação, os que são inevitáveis na organização de qualquer sentença, estremos ou não de mescla com conceitos concretos (tipos A e B versus C e D). A segunda questão, ao que me parece, é a mais fundamental das duas. Podemos, portanto, simplificar a nossa classificação e apresentá-la da forma seguinte:

- | | | |
|------------------------------|---|--------------|
| I. Línguas de Relação Pura | { | A. Simples |
| | | B. Complexas |
| II. Línguas de Relação Mista | { | C. Simples |
| | | D. Complexas |

22. Não se pode traçar muito nitidamente a demarcação entre os tipos C e D. É em grande parte questão de proporção. Uma língua acentuadamente do tipo de relação mista, mas de pouca força de derivação pura e simples, como o bântu ou o francês, pode ser colocada com vantagem no tipo C, ainda que não seja des-tituída de certo número de afixos de derivação. De maneira aproximada, podem-se considerar as línguas do tipo C formas altamente analíticas (“purificadas”) do tipo D.

Tal classificação peca por excesso de flexibilidade e latitude, não se prestando, assim, a um exame descritivo das múltiplas variedades de fala humana.

Importa amplificá-la.

Cada um dos tipos A, B, C e D pode subdividir-se em subtipos aglutinativo, fusional e simbólico, consoante o método predominante adotado para a modificação do radical. No tipo A, distinguimos a mais um subtipo isolante, caracterizado pela ausência de quaisquer afixos e modificações do radical. Nas línguas isolantes expressam-se as relações sintáticas pela posição dos vocábulos na sentença. É o que também se verifica em muitas línguas do tipo B, nas quais os termos "aglutinativo", "fusional" e "simbólico" se aplicam apenas ao tratamento dos conceitos de derivação e não aos de relação. Tais línguas poder-se-iam denominar "aglutinativas-isolantes", "fusionais-isolantes" e "simbólicas-isolantes".

Isso nos leva à importante consideração geral de que o método de dispor de um dado grupo de conceitos pode não ser o mesmo que a língua usa com outro grupo. Seria lícito empregarmos termos compostos para indicar essa diferença, referindo-se o primeiro elemento do composto ao tratamento dos conceitos do grupo II, e o segundo elemento aos dos conceitos dos grupos III e IV. Considerar-se-ia normalmente aglutinativa a língua que faz sempre a aglutinação de seus afixos, ou que a faz de maneira preponderante. Numa língua aglutinativa-fusional, os elementos de derivação são aglutinados, possivelmente sob a forma de prefixos, ao passo que os elementos de relação (puros ou mistos) se fundem com o radical, talvez como nova série de prefixos com seguimento aos primeiros, ou como sufixos, ou ainda distribuídos em prefixos e sufixos. Por "fusional-aglutinativa" já se entenderia, em outras condições, uma língua que faz a fusão dos seus elementos de derivação, mas deixa maior independência aos que indicam relações. Tôdas essas distinções, e outras semelhantes, não são apenas possibilidades teóricas, prestando-se a ser abundantemente ilustradas pelos fatos descritivos da morfologia lingüística.

Acresce que, se convier insistir no grau de elaboração do vocábulo, é lícito recorrer a mais aos adjetivos "analítico", "sintético", "polissintético", como termos descritivos.

Inútil é dizer que as línguas do tipo A são necessariamente analíticas e que as línguas do tipo C também são predominantemente analíticas e não oferecem probabilidade de se desenvolverem além da fase sintética.

É preciso, porém, não tomar ao pé da letra a terminologia, que em grande parte, depende da ênfase que se dá a certo aspecto ou traço característico em detrimento de outros. O método de classificação das línguas aqui exposto tem justamente a vantagem de poder ser apurado ou simplificado de acôrdo com as conveniências da ocasião. Pode-se fazer abstração do grau de síntese; pode-se muitas vezes reunir com vantagem o simbolismo e a fusão sob o título geral de fusão; e pode-se até pôr de parte a própria diferença entre fusão e aglutinação em vista das dificuldades de fazê-la ou da sua falta de interesse atual.

As línguas, afinal de contas, são estruturas históricas excessivamente complexas. Importa menos dispor cada língua no seu escaquinho determinado, do que estabelecer um método flexível que nos permita, partindo de dois ou três pontos independentes, situá-la em relação a outra língua.

Tudo isso não vem negar que certos tipos lingüísticos sejam mais estáveis e mais contraditórios em comparação com outros que em teoria apresentam igual possibilidade de existência. Mas é que ainda estamos tão mal informados da índole estrutural de grande número de línguas, que não temos direito de armar uma classificação que não seja flexível e experimental.

O leitor fará uma idéia mais viva das possibilidades da morfologia lingüística, olhando para o quadro analítico, anexo, de tipos selecionados. As colunas II, III e IV referem-se aos grupos de conceitos de mesmo número tratados no capítulo anterior.

As letras *a*, *b*, *c*, *d*, referem-se respectivamente aos processos de isolamento (posição na sentença), aglutinação, fusão e simbolismo. Apellando para mais de uma técnica, dispomo-las na ordem da sua importância²³.

23. Definindo o tipo a que pertence uma língua, cumpre-nos ter cuidado em não nos deixarmos iludir por certos aspectos estruturais que, como meras sobrevivências de fase mais antiga, não têm vida produtiva e não entram no sistema inconsciente da língua. Todos os idiomas estão cheios desses corpos petrificados. O inglês *-ster* de *spinster* [hoje, "solteirona"] e *Webster* (nome próprio de família)

destruição flexão "casos" (II - III - IV)

TIPO FUNDAMENTAL	II	III	IV	TÉCNICO	SÍNTESE	EXEMPLOS
A (Puramente relacional e simples)	—	—	a	Isolante	Analfítico	Chinês, Anamita
	(d)	—	a,b	Isolante (fracamente aglutinativo)	Analfítico	Ewe (Costa de Guiné)
	(b)	—	a,b,c	Aglutinativo (moderadamente aglutinativo-fusional)	Analfítico	Tibetano moderno
B (Puramente relacional e complexo)	b(d)	—	a	Aglutinativo-isolante	Analfítico	Polinésio
	b	—	a(h)	Aglutinativo-isolante	Polissintético	Haida
	c	—	a	Fusional-isolante	Analfítico	Cambodjiano
	b	—	b	Aglutinativo	Sintético	Turco
	b,d	(b)	b	Aglutinativo (com matiz simbólico)	Polissintético	Yana (Califórnia do Norte)
	c,d, (b)	—	a,b	Fusional-aglutinativo (com matiz simbólico)	Sintético (moderadamente)	Tibetano clássico
	b	—	c	Aglutinativo-fusional	Sintético (moderadamente polissintético)	Siú
	c	—	c	Fusional	Sintético	Salinan (Califórnia do Sudoeste)
	d,c	(d)	d,c, a	Simbólico	Analfítico	Shilluk (Alto-Nilo)

Nota: Parênteses indicam um desenvolvimento fraco do processo em apêço.

TIPO FUNDAMENTAL	II	III	IV	TÉCNICO	SÍNTESE	EXEMPLOS
C (Relacional misto e simples)	(b)	b	—	Aglutinativo	Sintético	Bântu
	(c)	c,(d)	a	Fusional	Analfítico (moderadamente sintético)	Francês*
D (Relacional misto e complexo)	b,c, d	b	b	Aglutinativo (matiz simbólico)	Polissintético	Nutka (Ilha de Vancouver)**
	c,(d)	b	c	Fusional-aglutinativo	Polissintético (moderado)	Chinuk (Parte inferior do rio Colúmbia)
	c,(d)	c,(b) (d)	—	Fusional	Polissintético	Algonkin
	c	c,d	a	Fusional	Analfítico	Inglês
	c,d	c,d	—	Fusional (matiz simbólico)	Sintético	Latim, Grego, Sânscrito
	c,b, d	c,d	(a)	Fusional (fortemente simbólico)	Sintético	Takelma (Oregon do Sudoeste)
d,c	c,d	(a)	Simbólico-fusional	Sintético	Semítico (Árabe, Hebraico)	

(*) Poderia, a rigor, também, figurar em D.
 (***) Muito próximo de relacional misto e complexo.

a - posição
 b - aglutinativa
 c - fusão
 d - simbolismo

foi lingu
 D | c | c(d) | a | Fusional | Analfítico | fo. lingu
 p. 130

É quase inútil frisar que esses exemplos estão muito longe de esgotar as possibilidades da estrutura lingüística. Nem por estarem duas línguas classificadas juntas se segue que tenham necessariamente grande semelhança externa. O que nos interessa aqui são os caracteres mais fundamentais e gerais do espírito, de técnica e do grau de elaboração de uma língua dada.

Não obstante, em muitos casos, observamos uma circunstância notável e altamente sugestiva: as línguas que entram na mesma classe, são passíveis de emparelhar-se por muitos detalhes e caracteres estruturais que não foram levados em consideração na classificação feita. Assim, pode-se traçar um paralelo interessantíssimo entre o *takelma* e o grego²⁴, que são geograficamente tão distanciados e tão desconexos no sentido histórico quanto era de esperar de duas línguas escolhidas ao acaso. A semelhança entre elas ultrapassa os fatos gerais registrados no nosso quadro.

Dir-se-ia que caracteres lingüísticos facilmente dissociáveis e que em teoria não parecem ter ligação necessária entre si, têm, entretanto, uma tendência a agrupar-se, e seguir juntos, na esteira de algum profundo impulso diretor que lhes domina a marcha.

Por conseguinte, se adquirimos a certeza de que duas línguas dadas oferecem uma semelhança intuitiva e possuem um mesmo sentimento formal subterrâneo, não nos devemos surpreender de vê-las em comum procurar ou evitar certos desenvolvimentos lingüísticos. Por enquanto,

[primitivamente derivadas de *spin*, "tecer", e *web*, "teia", "trama"] é um antigo sufixo agentivo; mas, até onde vai o sentimento lingüístico dos ingleses de hoje, não se pode dizer que existe realmente como tal; *spinster* e *Webster* já não têm qualquer conexão com o grupo etimológico de *spin* e *weave* (*web*) [sendo *web* o nome de ação correspondente a *weave* "tecer", "tramar"]. Análogamente, há em chinês legiões de palavras aparentadas, que diferem pela consoante inicial, pela vogal, pelo tom, ou pela presença ou ausência de uma consoante final. Mesmo quando o chinês sente o parentesco etimológico, e em certos casos não pode deixar de sentir, não é capaz de atribuir um papel especial à variação fonética. Ela não constitui, portanto, um traço vivo do mecanismo lingüístico, e deve fazer-se abstração dele ao definir a forma geral da língua. É tanto mais necessário cautela, quando é justamente o estrangeiro que entra pela língua com certa atenção percutiente, que tende a descobrir vida em traços residuais, dos quais o nativo absolutamente não se dá conta ou que trata apenas como formas mortas.

24. Não o grego, especificamente tratado, é claro; mas como língua representativa típica do indo-europeu.

ainda estamos muito longe de poder definir quais são essas intuições mórficas fundamentais. Podemos apenas, quando muito, pressenti-las vagamente, contentando-nos o mais das vezes com assinalar-lhes os sintomas. Tais sintomas estão sendo recolhidos pelas gramáticas descritivas e históricas das diversas línguas. Algum dia, talvez, seremos capazes de, por meio deles, conhecer os grandes planos fundamentais subjacentes.

Uma classificação das línguas tão puramente técnica, como é a classificação corrente das isolantes, aglutinativas e flexionais (entenda-se, "fusionais") não pode dar-se ares de uma cunha eficiente para forçar a descoberta das intuições mórficas na linguagem.

Não sei se tiraremos melhor resultado com a classificação por mim sugerida em função dos quatro grupos de conceitos. Tenho a impressão que sim; mas tôdas as classificações, construções meticulosas como são do espírito especulativo, não são instrumentos com garantia antecipada. Precisam de ser postas à prova em tôdas as oportunidades para afinal terem o direito de reclamar aceitação.

Enquanto não chega esse dia, podemos citar a favor do nosso esquema uma prova histórica bem curiosa, embora muito simples.

As línguas estão em constante processo de transformação, mas é razoável admitir que tendem a conservar por mais tempo o que é mais fundamental na sua estrutura. Ora, se considerarmos grandes grupos de línguas geneticamente aparentadas²⁵, verificamos que, passando de uma a outra ou acompanhando o desenvolvimento de cada uma, encontramos freqüentemente uma mudança gradual do tipo morfológico. Não é um fato surpreendente, pois não há razão para uma língua ficar permanentemente fiel à sua forma originária. É interessante, contudo, notar que das três classificações entrelaçadas que entram em nosso quadro (tipo conceptual, tipo técnico e grau de síntese) é o grau de síntese que parece mudar mais prontamente, ao passo que a técnica, também modificável, muda muito menos, e o tipo conceptual tende a persistir por muito mais tempo. O material ilustrativo reunido no nosso quadro é muito parco e não pode servir de base realmente probante, mas ainda assim é altamente sugestivo.

25. Em outros termos, línguas que se pode provar, pela evidência documental e comparativa, terem provindo de uma fonte comum. Ver cap. VII.

As únicas mudanças no tipo conceptual que em grupos de línguas cognatas se podem colhêr no quadro são de B para A (o shilluk em contraste com o ewe²⁶; o tibetano clássico em contraste com o tibetano moderno e o chinês) e de D para C (o francês em contraste com o latim)²⁷. Mas os tipos A:B e C:D ligam-se, respectivamente, entre si, como formas simples e complexas de um tipo ainda mais fundamental (de relação pura; de relação mista). Da passagem de um tipo de relação pura a um de relação mista, ou "*vice-versa*", não posso aduzir exemplos convincentes.

O quadro mostra com suficiente nitidez que é relativamente breve a persistência dos caracteres técnicos de uma língua. Sabe-se de sobra que línguas altamente sintéticas (latim, sânscrito) sofreram frequentemente uma ruptura para formas analíticas (francês, bengali) ou que línguas aglutinativas (fínico) adquiriram pouco a pouco, muitas vezes, um aspecto "flexional"; mas daí não se parece ter tirado em regra a inferência que se impõe; a saber, que, afinal de contas, não são muito profundas as diferenças entre o sintético e o analítico, ou entre o aglutinativo e o "flexional" (fusional).

Atentando para as línguas indo-chinesas, verificamos que o chinês se mostra como o exemplo mais expressivo de língua isolante que podemos encontrar, ao passo que o tibetano clássico tem não só caracteres de fusão mas também de forte simbolismo (e. g. — *g-tong-ba*, dar, passado *b-tang*, futuro *g-tang*, imperativo *thong*); ambos, entretanto, são línguas de relação pura. O ewe é isolante ou pelo menos, puramente aglutinativo, ao passo que o shilluk, embora sôbriamente analítico, é uma das línguas mais nitidamente simbólicas que eu conheço; ambos êsses idiomas sudaneses são de relação pura. O parentesco entre o polinésio e o cambodjiano é remoto, conquanto praticamente certo; tendo embora o segundo caracteres fusionais mais acentuados que o primeiro²⁸ confor-

26. São os representantes extremo-oriental e extremo-ocidental do grupo sudanês, proposto pelo Dr. Westermann. O parentesco entre o ewe e o shilluk, porém, será quando muito, excessivamente remoto.

27. Aqui há dúvida. Coloquei o francês em C e não em D com muita hesitação. Tudo depende da maneira de avaliar elementos como *-al* de *national*, *-té* de *bonté*, ou *re-* de *retourner*. São bastante frequentes; mas serão, por acaso, tão vivos, tão pouco petrificados ou livrescos quanto os elementos ingleses *-ness*, *-ful* e *un-*?

28. Apesar do seu padrão mais isolante.

mam-se ambos ao tipo complexo de relação pura. O yana e o salinan são aparentemente línguas muito distantes. O yana é altamente polissintético e tipicamente aglutinativo; o salinan não é mais sintético do que o latim e como êste de fusão (flexão) irregular e compacta; ambos são de relação pura. O chinuk e o takelma, línguas do Oregon remotamente aparentadas, divergiram muito entre si, não só quanto à técnica e à síntese em geral, mas ainda em quase todos os detalhes da sua estrutura; são ambas línguas complexas de relação mista, embora de modo diverso.

Fatos como êstes parecem corroborar a suspeita de que no contraste entre a relação pura e a relação mista (ou relação concreta) de- frontamos qualquer coisa de mais profundo e concludente do que nos contrastes dos tipos isolante, de aglutinação e de fusão²⁹.

29. Num livro como êste, é naturalmente impossível dar uma idéia adequada da estrutura lingüística nas suas várias formas. Só são possíveis algumas indicações esquemáticas. Seria preciso um volume à parte para infundir vida ao nosso plano. Tal volume assinalaria os caracteres estruturais salientes de certo número de línguas, escolhidas de tal modo que dêem ao leitor uma idéia de economia formal dos tipos acentuadamente divergentes.

